



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Ciências Aplicadas



TIAGO RODRIGUES MOREIRA

**LAVRANDO A EXISTÊNCIA GAY: ONTOFENOMENOLOGIA DA
SEXUALIDADE-EM-SITUAÇÃO**

**FURROWING OUT THE GAY EXISTENCE:
ONTOPHENOMENOLOGY OF SEXUALITY-IN-SITUATION**

LIMEIRA
2021



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Ciências Aplicadas
Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas



TIAGO RODRIGUES MOREIRA

**LAVRANDO A EXISTÊNCIA GAY:
ONTOFENOMENOLOGIA DA SEXUALIDADE-EM-
SITUAÇÃO**

**FURROWING OUT THE GAY EXISTENCE:
ONTOPHENOMENOLOGY OF SEXUALITY-IN-
SITUATION**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior

Coorientador: Prof. Dr. Antonio Henrique Bernardes

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO TIAGO RODRIGUES MOREIRA, E ORIENTADA PELO PROF. DR. EDUARDO JOSÉ MARANDOLA JUNIOR. E COORIENTADA PELO PROF. DR. ANTONIO HENRIQUE BERNARDES.

LIMEIRA

2021

Folha de Aprovação

Autor: Tiago Rodrigues Moreira

Título: Lavrando a existência gay: ontofenomenologia da sexualidade-em- situação

Natureza: Dissertação

Área de Concentração: Modernidade e Políticas Públicas

Instituição: Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA/Unicamp

Data da Defesa: 24/08/2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior (orientador)
Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA/Unicamp

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Francisca Bezerra Gemma (membro interno)
Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA/Unicamp

Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa (membro externo)
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Prof^ª. Dr^ª. Thana Mara de Souza (membro externo)
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros da banca examinadora encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno(a).

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Renata Eleuterio da Silva - CRB 8/9281

M813L Moreira, Tiago Rodrigues, 1993-
Lavrando a existência gay : ontofenomenologia da sexualidade-em-
situação / Tiago Rodrigues Moreira. – Limeira, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Eduardo José Marandola Junior.
Coorientador: Antonio Henrique Bernardes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Ciências Aplicadas.

1. Sexualidade. 2. Biopolítica. 3. Fenomenologia existencial. 4. Lugar. I.
Marandola Junior, Eduardo, 1980-. II. Bernardes, Antonio Henrique. III.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. IV.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Furrowing out the gay existence : ontophenomenology of sexuality-
in-situation

Palavras-chave em inglês:

Sexuality
Biopolitics
Existencial phenomenology
Place

Área de concentração: Modernidade e Políticas Públicas

Titulação: Mestre em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Banca examinadora:

Eduardo José Marandola Junior [Orientador]

Sandra Francisca Bezerra Gemma

Benhur Pinós da Costa

Thana Mara de Souza

Data de defesa: 24-08-2021

Programa de Pós-Graduação: Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-1307-4602>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7158819300033176>

A todos aqueles e aquelas que se amam!

If you can't love yourself, how the hell are you going to love someone else?

(RuPaul)

AGRADECIMENTOS

Os dias se passaram! Com o passar desses dias, coloco-me na posição de olhar pelo retrovisor quem esteve ao meu lado nessa empreitada, nessa labuta em que enveredei. São tantos seres que me foram especiais, não só pelas ligações ou presença, mas também, pelo entendimento do não poder estar naquele momento, do não poder atender as ligações, por demorar a responder as mensagens do *WhatsApp*. Essa respeitabilidade é o que mais tenho que agradecer.

Parece que foi ontem mesmo que estava no meu intervalo da Escola em que lecionava na pequena e calorosa Tijucal e quando abri o site da FCA-Unicamp com a lista dos aprovados no mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, em que meu nome lá estava, legível e visível. Não me aguentei e saí pelos corredores da escola falando para meus alunos, colegas professores, minhas amigas da cozinha. Então ali, um sonho de fazer um mestrado estava sendo germinado.

É inegável a força, a presença, a vitalidade de minha família. Eu, caçula de quatro filhos, trilhando um caminho tão longe de casa, percurso o qual minha mãe e meu pai não mediram esforços em me apoiar, em acreditar que meu sonho lecionar pode realmente ser revolucionário. Minha **Mãe (Dolores)**, com todas suas ligações às 5h30min da manhã para me abençoar e me desejar um bom dia, foi a força que eu precisava. Ela me contando dos seus bichinhos na roça, a quantidade de pintinhos que uma galinha havia tirado, me enche de desejo em continuar. Sabendo que tenho a sua benção e seu amparo, enfrento qualquer guerra possível. Meu **Pai (Roni)**, sempre contido, nada de muita afetação, no entanto, como um bom canceriano dramático, aos poucos ele se derrete. **Rosa e Rosy**, além de irmãs de sangue, são irmãs de alma que, sem dúvidas, aquecem minha existência. **Reinaldo**, mesmo com as poucas conversas, nós nos entendemos, e a cada dia que passa estamos mais próximos um do outro. E mais recente, minha companheira de casa, a felina **Francisca (Chiquinha)**. **Dyane e Jéssica**, por fazerem extensivas à nossa família.

Sabemos que não somos sozinhos no mundo, nem muito menos conseguimos as coisas sozinhos. Nesse sentido, essa dissertação foi escrita e lavrada à várias mãos.

A começar pelo meu orientador e professor, **Eduardo**. Agradecê-lo nessas poucas linhas é pouco pelo o que você significa para mim. No papel de orientador, professor ou companheiro de pesquisa, sempre se mostrou zeloso, rigoroso, paciente e compreensivo. Deixo registrado meu carinho e estima por você, agradecido por todas nossas conversas, nossas risadas (mais suas do que minhas, é claro), suas orientações sempre pontuais, firmes e incisivas, entretanto, gentis, doces e levemente calorosas. Nossas idas a bancas de dissertações, ou até mesmo ao me presentear com uma visita na Avenida Paulista – pequenos gestos que nos colocam em movimento. Agradecido por ser tanto em meu processo.

Antonio, meu outro orientador, [para as formalidades acadêmicas coorientador], que me auxilia desde antes do ingresso ao programa. Agradecido por você ter me acolhido, me ouvido e me orientado. Antonio só para deixar registrado, não faça aloka comigo! Você me ensinou muito, me ensinou a esperar, a escutar, a sentir e deixar ser tomado pelo mundo. Nossas conversas sartreanas são fagulhas no meu fazer.

Ao **LAGERR**, minha segunda casa, no qual passava mais tempo no laboratório do que em casa. Aos professores do ICSHA, em especial: **Roberto Donato, Sandra Gema, João José**, carinhosamente **J. J. , Peter, Juli, Álvaro, Rafael**, a caminhada da desconstrução foi bem melhor com vocês do meu lado.

Ao **NOMEAR**, grupo de pesquisa em Fenomenologia e Geografia, que tanto nos coloca em movimento de pensar. Todos os integrantes do grupo meus agradecimentos, e tem aqueles que para além de colegas de grupo se tornaram meus amigos. Ao **GHUM**, o grupo de pesquisa em Geografia Humanista Cultural que me acolhe desde 2017. Ao **GHUAPO**, Grupo de Pesquisa em Geografia Humanista, Arte

e Psicologia Fenomenológica, que me possibilitou desde 2014 adentrar nesse mundo fenomenológico.

Ao **Professor Roberto** que esteve na banca de qualificação e que infelizmente por motivos de agenda não conseguiu estar na banca de defesa, muito obrigado! Ao **Professor Benhur**, por ter aceitado o convite para arguir e debater esse trabalho, tanto na banca de qualificação quanto na defesa final. Professora **Thana** que tão gentilmente aceitou o convite para debater minha escrita. A Professora **Sandra** pelo aceite em debater o meu trabalho como fruto do ICHSA. Com certeza a presença de vocês enriquecem esse trabalho.

Jamille Payayá, ah Jamille, que dizer de você? Dizer que estou com dengue e que você quer me levar para sua casa? Dizer que sempre está pronta para ajudar, estender uma mão? Meu carinho por você é extenso, você é sinônimo de acolhimento em Limeira. Agradecido por ter sido tanto em meu processo.

Letícia Pádua, minha eterna companheira de viagem de ônibus, você é daquelas pessoas que não consigo ficar longe, mesmo tentando fazer a difícil comigo, eu sempre me pego te escrevendo, querendo saber de você, e você da mesma maneira. Obrigado por toda parceria que tivemos e temos. Você me incentiva e ainda sou muito seu fã!

Lisa, estendo a você um carinho de irmandade e afinidade. Nossas ligações de duas horas por assuntos diversos e aleatórios que o digam. Agradecido por todos nossos encontros, nossas idas em eventos, regadas com um bom sorriso e a vontade de questionar o que está colocado. **Sté**, que saudade das nossas conversas no CHS, dos nossos cafés, do nosso companheirismo. Sou grato por você ter me acolhido em sua casa e termos estreitados a nossa amizade. **Gabriel de Almeida**, meu engenheiro favorito, obrigado por topa todas as minhas loucuras e ser parceiro nas horas vagas. **Regina**, minha piauiense preferida, você chegou e fez morada, com sua existência calma e sensata, saudade dos nossos encontros nos bares regados de uma boa

cerveja. **Rodolfo**, meu calouro do ICHSA, agradecido por ser tão fofo e gentil na nossa empreitada que é a vida. **Vitor Sartori**, meu companheiro de CEP, obrigado por me ouvir, e deixar nossos dias no laboratório mais leves. A todos integrantes que, de uma forma ou outra, foram importantes para o meu processo.

Não posso deixar de mencionar a “**galera da feno**”, um grupo que surgiu de uma disciplina que fizemos em Campinas, **Fernanda (Fer)** minha vegetariana e capricorniana preferida, você sem dúvida é um presente. **Felipe (Djanir)** nossas conversas rendem mais que prosa de gente sem serviço, nunca tem fim. Te agradeço por sempre dialogar comigo, estando disposto a me ouvir e dizer, “não amigo, não tá legal isso não”, aos nossos artigos futuros e aos que já foram. **Nelson (fofoqueiro)** por todas nossas boas prosas regadas de uma fofoca saudável. Vocês não sabem a importância de ter vocês em minha existência, desde a leitura atenta e cuidadosa de textos, a simples mensagens de carinho que potencializam a nossa caminhada.

Aos meus colegas de mestrado, todos que com sua unicidade foram importantes para com o nosso processo, desde os churrascos até as incertezas. Mas algumas pessoas se destacaram e passaram de colegas para amigos. **Gustavo**, esse bebezão de quase dois metros de altura, seu coração é correspondente a sua altura, sua humildade e seu carinho são para toda vida. **Ana Beatriz**, aí como você é sensacional garota, você é a prova viva de resiliência, com você eu aprendi muito que nosso tempo não é sempre o nosso tempo, é tudo em conflito, obrigado por ter essa alma leve. **Carol**, ai Carol, no ano de 2020, você foi minha companheira, nós nos cuidamos juntos. Nós mudamos e cada um foi o braço direito do outro. Hoje somos vizinhos e nos vemos quase todos os dias, desde as mensagens: “amiga fiz comida, vem comer comigo”. Agradecido por ser-estar em presença. **Jamila**, temos uns bons caminhos já trilhados juntos, desde graduação, mestrado, e agora você vai para o doutorado. Parabéns por ser tão forte assim. Agradecido a todos vocês, **Conceição, Manu, Mário, David, Grazi, Luciano, Tais Paixão, Thais Sforzin, Carina, Nathália, Rafael. Ana Julia** que é minha caloura de 2019, obrigado por ter sido tão presente

também. **Jaque**, com você eu fiz a melhor viagem da vida, obrigado por ser tão presente e me recarregar com sua energia, e obrigado por cuidar tão bem do amor da minha vida que é o **Léo**. Você é quem eu quero sempre sentar para bater aquela prosa, garota tóxica, agradecido por você ser tão estilo Jaque de ser.

Não tem como não agradecer a coordenação do programa de mestrado, tanto na pessoa do professor **Roberto** quanto do **Jota Jota**. A equipe da secretaria, **Luciane** e **Wagner**, sempre dispostos a tirar as minhas dúvidas, muito grato a vocês. As **tias** e os **tios** da limpeza do campus. As **tias do bandejão**, todo dia nos recebendo com aqueles sorrisos abertos no rosto.

Aos meus amigos, que mesmo de longe não me esqueceram e fizeram presentes na minha estadia em Limeira. **Cássio Henrique**, meu irmão, parceiro de vida. Creio que você tenha sido a pessoa com quem mais compartilhei histórias nesses dois anos, e é quem eu pretendo compartilhar muito mais. Desde os nossos bons dias já falando de assuntos aleatórios, até o silêncio da cumplicidade. Com a nossa vivência aprendi o significado de amizade, de parceira, de espera e tempo. Agradecido por você ter sido tão presente nesses momentos. Aos meus amigos do Vale, que também de longe sempre torceram por mim, **Ramon Cordeiro**, **Vitória Fagundes** e **Thiago Magalhães**. **Alisson Alves** por ser tão único em minha vida.

A minha companheira de loucura, **Tex**. Estou tão feliz com o rumo de sua vida, seus projetos, seus planos. Minha filhota já crescida, saudade das nossas loucuras em Belo Horizonte, mas sei que as memórias sempre estarão conosco. **Deb**, meu neném, agradecido pelo apoio, pela escuta de sempre.

Tenho várias famílias espalhadas por esse mundão, por isso, faço questão de mencionar os meus agradecimentos para com elas. **Ju**, **Dan**, **Paulinha** e **Luli**. Com vocês aprendi o peso da família. Vendo as meninas crescerem fui crescendo com elas e hoje, ao ver Paula cursando uma faculdade, aquela garotinha que vi crescer, me dá uma felicidade danada, apesar de brotar na cabeça a ideia de que estou ficando velho

rápido demais. Saudade do meu denço que é Luli, abraçar ate apertar essa gostosura. Agradecido por vocês estarem sempre comigo.

Minha família de Curvelo. **Manu, Léo, meu menino Gui, e Alice.** Vocês me deram o melhor presente do mundo, vocês me deram o filho de vocês. Gui de certa forma sendo meu afilhado, é parte de mim, não tenho palavras para dizer o tanto que vocês são importantes na minha caminhada. Saber sempre que vocês estão torcendo por mim, é o que me movimenta.

Minha família de Tijucal. **Tia Nica; Caine; Leia; Naná; Popô; Gugu; Ana, Josy; Margô; Irlaine; Ana Flávia; Luciana; Ícaro; Tatá; Teté; Magna; Dinalda; Faginha e Dindinha** Com vocês eu aprendi sobre cumplicidade, trabalhar e conviver com vocês foi um dos meus melhores presentes, aprendi a ser mais empático. A Escola Estadual Pio XII, com todos seus colaboradores, desde a limpeza, cozinha, secretária, e meus e minhas eternos alunos, que hoje me escrevem com saudades.

Meus amigos que fiz durante minha estadia de trabalho no Restaurante Pekos Pesqueiro. **Dayane** e suas daianisses que amo; **Fernanda** e sua determinação e garra; **Ayra** fada sensata; **Rodrigo Verde** numa calmaria de dias de outono; **Mari**, minha irmã de coração que ganhei de presente; **Janice**, a advogada da turma; **Lauren** e seus cuidados; **Patrick** e seus arroubos da juventude, **Júlia**, me amor todinho; **Miguel; Carol; Kelly; Vinicius; Godoy; Tati; Caio; Dona Rô; Orácio; Dona Fátima; Pitu e Carlos**, agradecido pelos bons momentos. Bia, a você agradeço pela parceria da casa, pela troca de amizades que tivemos, pelas conversas.

Sou grato ao universo por ser rodeado de pessoas queridas, de pessoas que amo. Sou grato a cada um de vocês! Só tenho a agradecer a todos que de uma forma ou outra foram extremamente importantes nesse meu percurso. E aos que de alguma forma não foram grafados, recebam meus agradecimentos. Agradecido aos deuses e mentores espirituais que me guiaram e protegeram. Ao universo, por me presentear com as mais belas pessoas ao meu redor.

Agradeço a **UNIVESP**, por me proporcionar trabalhar e estudar durante meu primeiro ano de mestrado, do qual conseguir experiência no meio acadêmico superior, foi de extrema importância, essa passagem pela Universidade Virtual de São Paulo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Agradecido!

Ser-se livre não é fazermos aquilo que queremos, mas querer-se aquilo que se pode.

(Jean-Paul Sartre)

Anterior à Geografia enquanto disciplina acadêmica há aquilo que a sustenta: nossa relação inalienável com a Terra.

(Fernanda De Paula)

Todas as vitórias ocultam uma abdicação.

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

A roça, enquanto constituição de minha existencialidade, se faz presente no meu cotidiano citadino. Aos poucos, me repouso na ambiguidade da relação de ser-em-situação. Assim, deslizo por entre as situacionalidades das citacionalidades performáticas da sexualidade que são manifestadas enquanto fenômenos visceralmente vividos. Essa dissertação expressa a minha vontade de esgarçar a sexualidade no movimento lavrativo da existência. Para compor essa trama, albergio desde minha trajetória tomada pela força dos lugares que nas relações nutrindo as vicissitudes em roça, becos, festas e boates. Em gerúndio, sou liberdade em situação, manifestando-se como um fenômeno que desmorona frente nossas relações, colocando-nos sempre no enclave das escolhas. Escolhendo um caminho, me lanço sem destino prévio, apenas com as determinações de minha facticidade em contingência. Busco engendrar uma espiral de significações que compõe minha existencialidade, compreendendo a interdisciplinaridade como uma abertura do fazer-ser situado.

Palavras-chave: Sexualidade; Biopolítica; Fenomenologia existencial; Lugar.

ABSTRACT

The rural, as a constitution of my existentiality, is present in my daily life in the city. Little by little, I rest on the ambiguity of the relationship of being-in-situation. Thus, I slip through the situationalities of the performative citationalities of sexuality that are manifested as viscerally experienced phenomena. This dissertation expresses my desire to rip sexuality in the plowing movement of existence. To compose this plot, I have sheltered from my trajectory taken by the force of places that in relationships nurture the vicissitudes in rural, alleys, parties and nightclubs. In a gerund, I am freedom in situation, manifesting itself as a phenomenon that collapses in front of our relationships, placing us always in the enclave of choices. Choosing a path, I launch myself without a previous destination, only with the determinations of my facticity in contingency. I seek to engender a spiral of meanings that make up my existentiality, understanding interdisciplinarity as an opening of the making-being situated.

Keywords: Sexuality; Biopolitics; Existential phenomenology; Place.

SUMÁRIO

AMANHANDO O TERRENO: NOTAS PARA ABRIR CAMINHOS.....	17
REVOLVENDO A TERRA QUE SOMOS-EM-SITUAÇÃO	33
Em terra: a roça e a boneca dos fios ruivos.....	38
Em escola: o estranhamento da diferença.....	41
Em cidade: a explosão da sexualidade-em-situação	46
FLORESCENDO NO NOTURNO: FRESTANDO E ESTRANHANDO LUGARES.....	50
Regando a semente: em becos	55
Sulcando a existência: em boates	61
Trinca na terra: em festas	65
SEMEANDO LIBERDADES E NORMATIVIDADES: ATRAVESSAMENTOS PELA BIOPOLÍTICA ENCARNADA	71
Liberdade enquanto fenômeno em viscosidade	74
Normatividade enquanto fenômeno em relação ao imperativo ético	80
Por uma biopolítica encarnada existencial permeada pelas formas-de-vida	85
NO CAIR DO ORVALHO: POR UMA SEXUALIDADE-EM-SITUAÇÃO EM DESVIOS	89
REFERÊNCIAS	95

AMANHANDO O TERRENO: NOTAS PARA ABRIR CAMINHOS



“Não é absolutamente uma transposição para o saber de experiências pessoais [...]. A relação com a experiência deve, [...] permitir uma transformação que não seja simplesmente a minha como sujeito que escreve, mas que possa efetivamente ter um certo valor para os outros”.

(Michel Foucault)



Partindo da premissa de que um texto, diz muito do encontro entre pesquisador e pesquisa, nada mais fiel talhar um texto que nutre em seu âmago um reconhecimento de si na escrita. Um reconhecimento de falhas, de glórias e de autenticidade. Essa união visceral entre pesquisador e pesquisa é circunscrita situacionalmente pela escrita. Pela possibilidade de dar vazão àquilo que projeto, desse modo, a escrita assume a tenacidade do texto. A escrita provoca o drible epistemológico, o ecoar das inquietudes de um problema, pois, ao tingir o texto com minhas palavras e as dos outros, coloco-me justamente no processo lavrativo da existência. Estou situacionalmente em texto, sendo escrita transversa de si com os outros.

Assim, nesse movimento de sulcar, arejar, mexer, entranhar a terra, parto deste encontro do pesquisador-pesquisa sempre atrelado à situação, pois o ser-em-situação se inscreve a partir do que “constituímos e desvelamos o mundo, a partir de nossa individualidade de ser” (HOLZER, 2013, p. 18).

No entanto, essa individualidade levantada por Holzer (2013) não pode ser encarada como um processo sem alteridade. É justamente a partir do reconhecimento de nossa individualidade que passamos a reconhecer a individualidade do Outro. Por isso, de aviso, esse texto tem uma voz autêntica que faz aos poucos brotar novas ramificações nessa terra seca que somos, sendo essa voz, situação com outras vozes que em viscosidade de misturam.

O vento frio e as leves gotas de água que jorravam do céu cinza compunham a paisagem de uma tarde em Diamantina-MG, em que estava indo ao encontro dos

meus colegas de grupo de estudos¹, no qual iríamos discutir o texto “*O existencialismo é um humanismo*” do filósofo francês Jean-Paul Sartre. Já estava anestesiado e angustiado com a leitura que eu fizera antes, pois, muito do que estava escrito naquele texto sacudia minha existência e fazia com que minhas angústias tomassem forma e fundo de movimento. A leitura desconcertante que tinha feito naquela hora acarretou uma série de questões irrespondíveis, que meandravam diretamente minha relação no mundo e a maneira de como estamos engajados nele.

Deslocado fiquei pela leitura e discussão desse texto. Desde então, tenho tentado me aproximar ainda mais do Existencialismo sartreano como **modo de deslindar a existência, de colocar em análise questões que se encontram como dadas**. Pois, nas palavras de Sartre (2010, p. 49, *destaques acrescentados*) “o que o existencialismo pretende mostrar é, principalmente, **a relação entre o caráter absoluto do engajamento livre, pelo qual cada homem se realiza ao realizar um tipo de humanidade**”. Dessa forma, o pensamento de Sartre nos coloca em processo de deslocamentos, desmoronamentos e possibilidades de um modo de existência engajado com o mundo.

Naquela tarde cinza em Diamantina, ainda relutava com a aceitação de minha sexualidade. O ano era 2014, me encontrava assolado pelas incertezas de um mundo que se descortinava e, aos poucos, fui encobrindo a possibilidade de encarar a sexualidade-em-situação, fazendo com que a cada momento eu a deixasse de forma mais apartada - ainda que de forma envelopada - guardava meus desejos da carne, os escondia. Tinha medo de beijar outros homens. Não sabia que sentimento era esse que me assolava, tinha receio que poderia ser algo passageiro e logo o desejo acabaria. O medo era o principal sintoma para a repressão, talvez a indecisão. **Estava em movimento de confusão sobre tudo aquilo que me ladeava.**

¹ O grupo de estudo em questão refere-se ao GHUAPO. Grupo de estudo-pesquisa em Geografia Humanista, Arte e Psicologia Fenomenológica sediado na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri UFVJM.

No entanto, ao me deparar com essa leitura que me colocava no centro de minhas próprias decisões, das minhas próprias escolhas, que **as situações forjar-me-iam em estado de viscosidade com o mundo**, passei a sentir o mundo de outra maneira. Me senti mais próximo de mim mesmo, mais responsável pelas minhas ações, desejos e vontades. A sexualidade como esconderijo não predominava mais. Percebia a sexualidade-em-situação, como possibilidade de manifestação ambígua da própria existência. Passei a entender que “o homem² se faz, ele não está feito de antemão, mas se faz escolhendo sua moral, e a pressão das circunstâncias é tal que ele só não pode não escolher uma” (SARTRE, 2010, p. 53). Nesse fazer-se constante que estamos situados, um dos principais movimentos a se fazer é o de se colocar no centro de suas relações com o mundo e com os Outros.

Desde então, tomei a **ontofenomenologia sartreana como modo de existência, como movimento de projeção do ser que somos-em-situação, como abertura para possíveis diálogos interdisciplinares, compondo a tessitura da própria existência**. Dito isso, escrever essa dissertação sob um fundo ontofenomenológico implica-me ir ao encontro de alguns desafios. Tais desafios, aqui, são encarados como possibilidades de deslindar o fenômeno sexualidade, deslocando-o para a própria situação ordinária da existência.

Mas antes, que **pode a ontofenomenologia sartreana ajudar em uma dissertação que versa sobre sexualidade?**

Sabemos que na obra do filósofo, tal fenômeno – a sexualidade – não se manifesta como ponta de lança, muito menos como força motriz de seu pensamento, embora, em um texto específico, Sartre (1966), coloca as questões da sexualidade no enclave da psicanálise freudiana em tensão com o Existencialismo, a saber, “A

² Sabemos da importância da não hegemonização do conceito “homem” como uma totalidade do ser humano, no entanto, respeitamos a grafia existente por traz do pensamento situado do filósofo está respectivamente pensando no homem como um ser-em-situação. Se atendo que o gênero também faz parte de uma constituição, no entanto, não definitiva a priori.

infância de um chefe". Nesse texto, Sartre questiona o peso da definição e a condenação da liberdade em uma linha tênue da própria existência.

O que está em jogo nesse referido conto, é a trama da existência de Lucien Fleurier, em que a mesma se encontra fadada como algo definitivo e imperativo por meio dos que o cercam, como se antes de sua existência algo já o formava enquanto homem heterossexual e que o mundo o recebia enquanto esse ser completo e cheio de definições prévias.

No conto, o que gruda em Lucien é a dúvida da própria existência. Muito preocupado e frustrado com o que e como as outras pessoas o enxergariam, chegou a imaginar possíveis cenários de como a sociedade francesa o leria como "aquele loirão que gosta de homens [...] ah, sim, o veado grandão, sim, sei quem é" (SARTRE, 1966, p. 171). Lucien muito se preocupa para com as definições que lhe são aferidas de si mesmo. Nesse compasso existencial, ele vai aos poucos modelando e se ajustando em seus planos, a partir daquilo que ele tornaria mais adiante.

O sentimento de náusea era a própria existência para Lucien, algo que o dilacerava por dentro, por estar enquadrado em um peso de uma definição da qual ele tentava escapar a todos os momentos. Ele se manifesta como um ser que estava completo no mundo, com medo e revolta dos que sempre o cercaram de definições prévias. Ele seria o chefe da usina do seu pai, costume que, por gerações, era passado de pai para filho. O seu destino já estivera sido traçado antes mesmo do próprio nascimento, assim ele relata.

As situações relatadas pelo filósofo engendram o cotidiano de muitas pessoas que passaram ou passam pelo processo de aceitação da sexualidade de si, inclusive por que ela pode ser vista como um processo. A cobrança por uma posição acarreta uma responsabilidade, haja vista que a tomada de posição é, antes de tudo, uma tomada de decisão política encadeada com nossos atos aflorados no cotidiano. No entanto, por vezes esquecemos que somos seres-em-situações e que sendo-em-

situação, a posição política do Outro não será, com efeito, a mesma nossa. Há um campo de variação que pluga a existência e corrobora para as escolhas mediante as situações que lhe estão postas.

Por isso, situar as questões sobre sexualidade em algum contexto, seja ele político, econômico, cultural ou social, é de crucial importância para que possamos exercer nossa existencialidade enquanto um projeto indefinido de existência, sempre em relação com o mundo e os outros, em um movimento de se tornar e se deixar ser tornado pelas adversidades e desejos mundanos.

Sendo esse projeto indefinido, o que me impele de estar ligado ao mundo são as situacionalidades que emergem pelas vias da subjetividade, da família, das questões de gênero, sexualidade, questões de raça. Thana Mara de Souza acentua que sendo esse projeto, não ocorre outra maneira de existir senão situados em algumas circunstâncias, ou seja, visceralmente situado no mundo. Sendo assim, insisto “na construção subjetiva da pessoa, na transcendência que se faz com um corpo, em um mundo e diante de Outro” (SOUZA, 2019, p. 57).

O que me inquieta não é a dúvida pelo o que somos, mas sim **o como nos tornamos em situação**. Esse tornar-se remete à escrita de Simone de Beauvoir (2019) em “*O segundo sexo*” no qual a filósofa me provoca a pensar que não existe uma essência que constitua a sexualidade enquanto algo natural, portanto sempre em devir dos acontecimentos. Portanto, quando Beauvoir aponta para as estruturas determinantes do sexo feminino, ela está colocando em questão todas as possibilidades de ocultamento da mulher na esteira temporal de seu tempo. Beauvoir não aguça uma distinção entre sexo e gênero, ela traça um percurso histórico que provoca os leitores a compreender a dinâmica da mulher enquanto um Outro na sociedade.

Sendo assim, podemos arrolar que quando Sartre (2007, p. 16), em o “*O ser e o nada*”, assume a proposta de que “a aparência não esconde a essência, mas a revela:

ela é a essência”, compele com as descrições de Beauvoir no sentido de uma não Natureza essencial humana, e sim que existência se dá no existir em situação. Dessa forma, a sexualidade é o que ela é, se manifestando como possibilidade, como abertura mediante uma situação dada. Estando situada, ela é aquilo que na relação se manifesta como possibilidade de liberdade.

Assim, as aparências não escondem as fenomenalidades, elas revelam a essência estando em relação. **A sexualidade-em-situação se assenta na possibilidade de deslindar suas características que são vividas no cotidiano por meio das situacionalidades.** Encarar a sexualidade-em-situação como movimento de mediação, ponderação, espera, escuta e constituição de identidades, esbarra com a premissa de edificar uma ontofenomenologia da sexualidade, ou seja, uma descrição do movimento da própria relacionalidade da sexualidade-em-situação, vivida e organicamente deflagrada.

Trazer para o seio de discussão deslindes de uma sexualidade-em-situação é **tingir o texto com nossa própria tinta, é grafar o mundo com tons de existência, é abrir para mundo a importância de não se isentar, ou de não se enviscar no mundo, assim como no próprio texto, o ser-em-situação uma vez lançado ao mundo está à mercê das mundanidades, engajado e situado, sendo assim, cabe a ele interagir com os meios que a ele é ofertado.**

Por isso, esse texto tem cor, tem grito, gemido, tem choro, tem alegria, tem existências tingidas no compasso da minha existência. Albergar a sexualidade-em-situação como possibilidade de lavar a minha existência, corrobora com a proposta colocada pela ontofenomenologia sartreana, de que somos-no-mundo-em-situação. Certo de que, situando compomos nossa existencialidade, parto intimamente da experiência da situacionalidade, rasurando as definições e colocando fissuras nos caminhos para podermos pensar e meditar sobre.

Para isso, um dos principais desafios que lanço a mão é justamente o de **posicionar o pesquisador/pesquisado como fundamento dessa dissertação**. Minha existência se envisa com o tecido aqui proposto. Podemos imaginar um próprio tear, onde as linhas se cruzam e se mesclam, dessa forma, quando me desnudo, por consequência, me visto em outra situação. Ao propor a ontofenomenologia como caminho para possíveis deslindamentos do ser-em-situação acabamos por esbarrar em outros desafios.

Desafios estes, que de certa maneira, me conduzem a um possível tensionamento histórico em coadunar os estudos de gênero e sexualidade, que atualmente, se nutrem das matrizes epistemológicas do pós-estruturalismo com a ontofenomenologia sartreana. Sendo assim, a teleologia dessa dissertação situa-se justamente na senda epistemológica com a situação ordinária no cotidiano. É um possível cultivo entre a experiência no mundo e a reflexão teórica.

Dito isso, posso salientar que a procura por temas, eixos e campos que ladeiam as questões de gênero e ou sexualidade vêm ocupando as agendas de pesquisadores na contemporaneidade, contribuindo para a possibilidade de aberturas do próprio pensamento que pouco a pouco se dissipa das fronteiras binárias do sexo. Por isso, para refletir e colocar o pensamento em movimento, proponho a sexualidade-em-situação, em mediação, em processo e movimento. Não creio em uma sexualidade estática e sim elástica e volátil, uma vez que lançados ao mundo, somos tomados pelas relações com os outros.

Por assim dizer, saliento que a sexualidade-em-situação que arrolo nessa trama tem a ver com a possibilidade da não hegemonização dos termos que caracterizam e petrificam as corporeidades. Por isso, quando digo que ela se assenta no movimento, é justamente, esse movimento de não petrificação do ser-em-situação por meio de um conceito pré-definido.

Dessa forma, destaco a influência da biopolítica da sexualidade descortinada pelo filósofo Michel Foucault e os problemas de gênero debatidos pela filósofa Judith Butler. **Tais influências nos são caras justamente para compor uma escrita em processo de abertura, tomando uma postura interdisciplinar do conhecimento versado pelas situacionalidades do cotidiano.** Assim, ao exercer esse papel de lavar minha existência – fruto de uma biopolítica existencial encarnada – há também, uma contribuição para as possibilidades do tensionamento epistemológico através da experiência pelas veredas das formas-de-vida. A experiência sendo o fenômeno atravessador entre os projetos de reflexões teórico, tomadas pelo **caminho da ontofenomenologia.**

Nessa proposta de demorar-se sobre a sexualidade-em-situação surge uma demanda: **a de repousa-la sobre o próprio fundamento do ser-em-situação que aqui destaco como pesquisador/pesquisado.** A mesma oferece um trânsito, destacando os lugares e suas lugaridades, assim como as amarras identitárias, que por meio da modernidade naturalizam-se a sexualidade. Por isso, refletir sobre os lugares de manifestação da sexualidade nos implica discutir o sentido geográfico da mesma, ou seja, como que **geograficamente a sexualidade se desliza por entre becos, festas, boates, cidade, roça e caminhos.**

Na esteira da existência, a biopolítica nos atravessa e acaba por designar feitos do nosso dia a dia, compondo como sugere Butler (2019) nossas citacionalidades, num processo contínuo de copiar e colar, sempre atentos pelos quais movimentos nossa rede de relações vai se aproximar. Sendo assim, a liberdade se encontra num processo de alargamento de seu sentido. Ao aludir uma biopolítica encarnada, estamos enfatizando o peso da escolha e da própria liberdade de ação, impregnada da realidade concreta do ser-em-situação. **A biopolítica encarnada se manifesta visceralmente quando nos escolhemos em determinadas situações.**

Esse drama dos jogos de poder de relações se entrecruza com a porosidade da existência, fazendo com que as normatividades e liberdades sejam exercidas. Ao estar em uma boate fechada, com luzes de *neon* refletindo um momento de opulência, talvez nos esqueçamos da posicionalidade política daquela boate, o porquê daquele lugar existir. Por vezes queremos ir para afogar as mágoas, procurar uma paquera, esquecer de um “*crush*”. Mas é justamente dessa situacionalidade que a biopolítica se encarna: ela passa a ser o meio, nem o abstrato como magia, nem apenas, o concreto como materialidade. É nesse momento que emerge a dobra da subjetividade composta pelos emaranhados vividos situacionalmente.

Assim, quando remetemos um sentido àquela boate, notamos que as relações do fenômeno da citacionalidade começam a emergir. Aquilo que Butler (2019) chama de citacionalidade se envisa diretamente no projeto de existência que dá significado àquele espaço. Tentar trazer o Outro para o campo do Mesmo é um processo do qual acontece naturalmente, quando vemos no Outro a falta que nos é sentida. Por isso, as normatividades começam a se alastrar pelo piso coberto de *glitter* daquela boate.

Por muito tempo as normatividades foram um encaço no meu existir. Sempre as enxergava como algo impensado e ditatorialmente contra a nossa existência. Estranhar as normatividades foi um dos meus mais difíceis movimentos dessa escrita. Estava tão imerso nos problemas estruturais de composição das binaridades da sexualidade, que acabei esquecendo que as normatividades não são o antagonismo das liberdades. Elas são fenômenos de manifestações de um coletivo que seleta e peneira a quem se quer normatizar. No entanto, a própria normatividade se alastra por toda a existência que se encontra num cenário Pós-Moderno. As normatividades aparecem como fenômenos que são vividos e lavrados diariamente.

Estranhar as normatividades – desde a heteronormatividade e a homonormatividade – de certo modo, é coloca-las em possibilidades de fissuras, de

dúvidas, assim como a própria liberdade. Por isso, a tensão entre normatividade e liberdade não evoca um antagonismo e sim uma relação ambígua.

O movimento que faço é o de debruçar sobre as situações vividas por mim e pelos outros, que, sendo interpelados por mim, me constituem e me fazem fazer parte dele quando reconheço a sua existência. Sendo assim, como fio narrativo, a descrição lavra os acontecimentos e dá vazão à bibliografia usada.

Heidegger (1979) sinaliza que a fenomenologia deve ser refletida como possibilidade do pensamento. Assim, a descrição muito se articula com a possibilidade de fazer com a “fosforescência do fenômeno” (LIMA, 2019, p. 60) se manifeste e seja lavrada no seio da existência.

Por assim dizer, para que possamos circunscrever os fenômenos para os tensionamentos, faz-se a emergência de estar em campo ou do próprio trabalho de campo. Esse trabalho não é diferente. Nossa vivência de campo se fundamenta na própria existência do ser-em-situação, na própria relação do pesquisador/pesquisado. Pois o “estar em campo e colocar-se na relação de alteridade com Outrem é a principal ação de pesquisa que buscamos ao almejar a proximidade sensível com Outro geográfico” (LIMA, 2020, p. 173).

“O trabalho de campo se apresenta como um lugar em processo, em que se revela ao pesquisador uma série de aberturas que não seriam possíveis se o entendesse como mero instrumento temporário da coleta dados ou parte de uma pesquisa predeterminada” (ROBAINA, 2018, p. 252). Como muito bem colocado por Robaina (2018), aposto no trabalho de campo como um lugar em processo, como possibilidade de estar em campo, enquanto processo de abertura e possibilidades.

Desse modo, recorro à experiência amalgamadas as situações, pois ela “envolve historicidade e geograficidade vividas” (MARANDOLA JR., 2014, p. 203). Meu intuito se fundamenta em “compreender as realidades e problemáticas que se

apresentam” (DE PAULA, 2017, p. 27), compondo uma tessitura de situações revolvidas com a existência e os modos de sexualidade.

As situações que aqui são arroladas emergem das descrições. Tais descrições compõem os estados “dos horizontes implicados na intencionalidade (LIMA, 2019, p. 59). Dessa forma, a descrição que lavramos aqui se torna crucial, pois é possível “descrever o fenômeno tal como se apresenta à consciência” (GONÇALVES, et al, 2008, p. 418). À consciência que aqui destaco se encontra em um movimento para fora, de voltar e se misturar as coisas do mundo, não como um simulacro que significa as coisas (SARTRE, 2019).

Tomo como preocupações a serem investigadas as descrições e as fenomenalidades das situações, sabendo que a observação e a experiência são relações compreensíveis que se manifestam em diferentes comportamentos do ser-em-situação. Meu ponto de partida se fortalece na abertura das situacionalidades para compor a experiência, e a descrição estabelece **como abertura para lavrar as experiências do ser-em-situação**. Como pontua Sartre (2007), o objetivo da investigação deve ser a descoberta de uma possível escolha e não de um estado.

Imbricado nessa problematização, existem relações de alteridade. Relações essas que se anunciam como possibilidade de circunscrição do fenômeno, pois a relação de “alteridade dada na experiência” (LIMA, 2019, p. 60) coloca diante de nós a inquietação “movente do um-para-o-outro” (LIMA, 2019, p. 67) perfazendo assim, a orientação para esse trabalho.

Essa relação de alteridade não está posta, ela emerge como uma possibilidade de construção e circunscrição do próprio fenômeno liberdade. Para mim, é importante desvelar os sentidos de liberdade que os outros homens gays possuem e como eles se relacionam com as situações normativas. Para isso, “é preciso uma escuta à situação que fala” (LIMA, 2019, p. 60). Escutar o que o Outro em a dizer se baseia na própria ideia de uma alteridade, e na não captura do Outro para o

campo do Mesmo. Afirmado assim que a situação carece de um momento de escuta. Essa escuta pode ser mediada pela alteridade, pois garante Lima (2019, p. 60) que “o Mesmo é inquietado pelo Outro”.

Desse modo, coloco-me na senda de deslindar a situação de escrita dessa dissertação. Já que a situação se apresenta como força motriz dessa empreitada, quero problematizá-la com mais afinco. Ao compor essa trama que segue, em vários momentos recorri a fatos que de certa forma já foram vividos anteriormente e no calor do momento os faço reviver pela potência da escrita.

Todas as situações aqui forjadas são aquecidas pela existencialidade situada, desejando buscar certo equilíbrio entre a experiência e as referências usadas. O texto está escrito em primeira pessoa do singular, não como um discurso egóico ou ególatra e sim na possibilidade de que as nuances de uma existência possam estar intimamente fissuradas pelo conhecimento científico.

Em defesa da situação, coloco-me na senda de não me prender aos movimentos precisos e exatos de uma pesquisa, o que convoca-me é o envolvimento com o mundo. Na posição de lavrador, lavro minha existência em conjunto com os Outros, em outras situações, apresento a possibilidade de um tecido amalgamado com existência, lavrado intimamente com a criação e com os formalismos acadêmicos.

Nessa constante e infinita espiral que é a relação entre o Mesmo e o Outro, chamo atenção para o movimento lavrativo da existência. No capítulo um (*Revolvendo a terra que somos-em-situação*) lavro sobre o desnude da existência situada, com descrições de memórias, sentimentos, afetos que regam e nutrem a porosidade de pensar em uma sexualidade-em-situação. Fenômenos que estão interligados a uma possível cisheteronormatividade, calcada fundamentalmente nos enlaces cotidianos de uma família patriarcal que reside na roça, não que isso seja

como uma regra, nosso intuito é deslindar as fenomenalidades que dali emergiram e colocá-las em posição de escuta, de profilaxia e de compreensão.

No capítulo dois, (*Florescendo no noturno: frestando e estranhando lugares*) escrevo desde o estranhamento até o desejo dos lugares. Lugar e situação em contraste para possibilidade de encontro, tomando a noite como assopro das vicissitudes a serem descortinadas pelas experiências situadas no mundo, desde a roça, os becos e as festas, a sexualidade fora marcante na constituição do ser-em-situação. Albergar esses sentidos entre o lugar e a sexualidade-em-situação me coloca em movimento de questionar a posicionalidade das lugaridades na constituição da existência situada.

No capítulo três, (*Semeando liberdades e normatividades: atravessamentos de uma biopolítica encarnada existencial*) discuto mais detalhadamente em que sentido a biopolítica encarnada se encarna na espessura da carne como dobradura do ser-em-situação. Albergar uma biopolítica encarnada é trazer à tona a confusão do entre. Aquilo que foge dos móveis materiais e abstratos e se inunda na viscosidade do mundo. No compasso que a existência se percola ao mundo, estamos embaraçados junto às normatividades e liberdades, situacionalmente.

No último item da dissertação, (*No cair do orvalho: por uma sexualidade-em-situação em desvios*) remeto as possibilidades do ser-em-situação como condição ambígua no cotidiano. Sendo assim, como encaminhamento, tecemos uma proposta de encarar a sexualidade numa relação ambígua com as normatividades e liberdades em exercício. Nesse projeto ontofenomenológico, aponto para possíveis aberturas epistemológicas sendo movidas e aquecidas pela situacionalidade do ser-em-situação. O encaminhamento para os desvios remete, efetivamente, à condição de colocar as escolhas em situação, os desvios como abertura. Eles nos convocam à escolha de um caminho, chamado esse que não impede o retorno, ou o desejo de ir a outro caminho, sendo justamente a situacionalidade da escolha que determina nossos

atos e nossas ações, compondo dessa maneira, uma existência que foge das binaridades impostas do sexo, se enfiando nesse mundo que nos recebe.

Pensar ontofenomenologicamente a sexualidade me coloca no movimento da dobradura do ser, ou seja, no sentido ambíguo que se dá na existencialidade, por isso, que as metáforas da plantação aqui lapidadas. No lavrar da existência, somos esfolheados, sulcados, revolvidos, semeados, tudo isso em um processo de situacionalidade, ou seja, cada ser-em-situação se enfiando em relação que emana com o seu mundo.

Aqui, nesse texto, minha situacionalidade emerge da roça, do cuidado, da profilaxia com as plantas. Sendo assim, pensar a sexualidade-em-situação me coloca também na dobradura do ser-roça e ser-cidade, nesse amálgama que a ambiguidade nos resguarda. Atentos à essa dobradura, não elegemos polos de significação para com ser-roça ou ser-cidade, pois, é justamente pelo processo da dobra que a ambiguidade se dá.

Em destaque, coloco esse poema de Manoel de Barros (2008), que ao lê-lo viajo temporalmente para minha casa na roça, me recordo das minhas travessuras, dos momentos confusos da existência.

Manoel por Manoel

Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba.

Mas não havia vizinho.

Em vez de peraltagem eu fazia solidão.

Brincava de fingir que pedra era lagarto.

Que lata era navio.

Que sabugo era um serzinho mal resolvido igual a um filhote de gafanhoto.

Cresci brincando no chão entre formigas.

De uma infância livre e sem comparamentos.

Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão:
de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore.

Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das
coisas.

Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina.

É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor.

Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido
onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela.

Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e
as árvores.

(Manoel de Barros, 2008)

REVOLVENDO A TERRA QUE SOMOS-EM-SITUAÇÃO



<http://www.mapplethorpe.org/portfolios>

“Se não houver frutos
Valeu a beleza das flores
Se não houver flores
Valeu a sombra das folhas
Se não houver folhas
Valeu a intenção da semente”



Revolver a terra é uma artesanaria para o meu fazer existencial. Vira e mexe estou variando minhas plantas, adicionando terra nova, fazendo compostagens, fazendo com que elas – as plantas – se sintam sempre movimentadas, e que não terminem a vida por falta de arejamentos.

O zelo pelo revolver da terra se faz presente agora em um movimento de **lavar a minha própria existência. Escavar, arranhar, esfoliar, mostrar a carne viva que sou, num desnude de mim mesmo.** Assim como a terra se expõe às mudanças, eu sendo-terra-em-situação, me projeto ser abertamente para as mudanças que vierem por me acompanhar. A terra que digo que sou é a terra carnal e visceral que entra pelas unhas, que mancha a roupa, que vira barro, vira artesanaria, é terra em condição. É das entranhas da terra que desenvolvo essa escrita, terra não apenas roça, terra enquanto abertura para o sentir. Movimento de fissuras, de drenagens, de escorregadias, assim, a terra em suas infinitas manifestações.

Sendo lançado ao mundo, embrenhado pelas adversidades e diversidades mundanas, minha existência se abre para as fissuras de uma terra árida, seca, porém com possibilidades de percolamentos e infiltrações que, em um processo lento e calmo agem aumentando e diminuindo a minha vazão.

Chamo a atenção para a “situação”. É dela que vamos delinear nosso fazer existencial. Sartre (1968) nos adverte que somos, antes de tudo, seres-em-situação, significando que a nossa relação com o mundo constitui um todo sintético com a nossa situação biológica, econômica, política e cultural. Há para o filósofo, uma impossibilidade de nos apartarmos desta situação, pois é ela quem delinea e nos dá sentido de existencialidade. Por isso, estar em situação é escolher-se em situação frente as possibilidades que a existência nos coloca.

Dessa maneira, **ser-em-situação se constitui na relação intrínseca com o mundo, como possibilidade de abertura, como caminho de escolher-se.** Escolhendo em situação, encaro o mundo face a face, me relacionando e interagindo subjetivamente e intersubjetivamente. Por assim dizer, não escolho o mundo, mas me escolho no mundo (SILVA, 2019), é no mundo que minha liberdade está em jogo, é no mundo que sempre me coloco em questão (SARTRE, 2007).

Somos então para Sartre (2007), historicamente situados e as escolhas se dão nesse processo de historialização, “sempre na história, nunca apesar dela” (SILVA, 2019, p.50). Quero dizer que, no compasso da minha projeção enquanto um ser-em-situação passei por inúmeros processos históricos de revolver-me, rasgar-me, emendar-me, fissurar-me no tange a sexualidade. Enxergava a sexualidade como algo já definido e imutável. No entanto, algo começou a chamar a minha atenção desde criança: a diferença de compreensão de situações minhas com as de meu irmão.

Investigar a sexualidade-em-situação é deixá-la justamente se apresentar como fenômeno que se mistura e se encarna, não como uma definição, tampouco como uma armadura de defesa.

Por inúmeras vezes estive frente a frente com a possibilidade de esgarçar a minha sexualidade e dar vazão àquilo que de uma maneira ou outra, estava em mim. No entanto fiz o contrário, ocultei-a. O eclipsamento da minha própria sexualidade-em-situação veio acompanhado por várias questões.

Sou um homem que vive na roça – **vivo em gerúndio, é a roça como manifestação da existencialidade, logo, vivo a roça em mim, a roça não está lá e eu aqui, sou sendo roça em-situação na cidade, roça é situacionalidade, relação visceral, existo na cidade, contudo, sou roça** – aprendi desde cedo qual seria o “papel” de um homem em casa. O machismo internalizado que desliza e ladeia o

cotidiano fazia parte da minha existência. Os procedimentos e acontecimentos tendo como início a variável da sexualidade.

Adrienne Rich (2010), poeta, ensaísta e professora estadunidense, cunha um termo que fica notadamente famoso entre pesquisadoras feministas, a saber, “heterossexualidade compulsória”, pois, para a autora, a heterossexualidade atua como uma instituição política (RICH, 2010). Ou seja, involuntariamente, alguns comportamentos são passados e reproduzidos naturalmente como um estilo de existência. É importante frisar que Rich (2010) está preocupada com a presença lésbica no seio da heterossexualidade compulsória.

Nesse estilo de existência heterossexual vivido carnalmente por mim na roça, fui aos poucos ocultando as possibilidades de me revolver, estava por hora me entregando e escolhendo seguir um estilo de existência patrocinado pelos modelos que me cerceavam.

Cresci sendo um menino-homem-hétero que me era possibilitado escolher. Ou seja, como Foucault (2019) observou, os sistemas de poder produzem os sujeitos a valer naquela estrutura. Ou aquilo que Butler (2019) descreve como citacionalidade, num “sentido especificamente derridiano para descrever as formas pelas quais normas ontológicas são empregadas no discurso, algumas vezes de modo forçado, outras não” (SALIH, 2018, p. 127).

Butler (2019) adverte em “*Problemas de gênero*” que o gênero não pode vir a ser simplesmente construído, e sim performático. Sendo performático ele se desdobra a partir das cotidianidades que vão sendo construídas, coagulando assim um emaranhado de copiar e colar, desembocando no que ela chama de processo de citacionalidade. Uma citação do gênero a partir das relações de poder que são vividas no seio da biopolítica.

Por assim dizer, Butler (2019) assinala que esses acontecimentos podem vir a ser forçados por uma norma regente e, por isso, soam como uma impossibilidade de escolha. Porém, mesmo estando sob essa condição existencial ou representação social de uma heterossexualidade passada por gerações, algo não encaixava e estava sempre atento para as escolhas, embora, algumas vezes não me dava conta do que estava acontecendo ou simplesmente não entendia o processo.

Momentos vividos pelo fenômeno da cisheteronormatividade foram, de certa forma, incisivos na constituição de quem me apresento ser-em-situação hoje. Amadureci e compreendi que o movimento vivido fora crucial para tensionar a sexualidade em movimento. Colocá-la em situação significa expor a carnalidade da sexualidade, explorar seus íntimos e obscuros segredos e mistérios. Trevisan (2018, p. 35) relata que ao no contexto dos anos noventa “assumir-se homossexual poderia acabar criando uma nova forma de categorizar o desejo, justamente por outorga-lhe uma naturalidade absoluta”. Essa é uma questão que evoca meus pensamentos inquietos que se deitam na sexualidade, dos quais vamos esmiuçá-los.

Estando ao lado das plantas, dos animais na roça - enredado pela cisheteronormatividade - dificultou minha vontade de me aceitar enquanto uma criança gay. No seio de uma família que vive na roça nos anos noventa, ter um filho afeminado e gay era o imperativo de rechaço e preconceito. Hoje, estamos cada dia mais ponderados a ouvir e sentir o que o Outro tem a dizer. O próprio processo de assunção perante a família chega a ser, às vezes, mais doloroso que a própria aceitação de si.

Ao assumir minha homossexualidade, reafirmo uma posição de convocação de um evento de estranheza, algo que foge das balizas permitidas do campo binário de sexo. Na minha fala, convoco um evento de solicitação de aceite em ser homossexual, criando uma nova forma de desejo, outorgada pela vontade permissiva da sociedade. Sendo que quando se é heterossexual, esse aceite passa despercebido,

pois está infiltrado no campo das normalidades providas pelo poder estabelecido pelo imperativo heterossexual.

Isso implica justamente a possibilidade de lavrar a sexualidade-em-situação mais afastada desse sentido de outorga, e mais próxima do vivido.

Em terra: a roça e a boneca dos fios ruivos

A terra preta indica a mistura de compostos orgânicos. Logo, o adubo advém das folhas que caem sobre a terra, advém da areia que a enxurrada trás em suas avalanches - uma movimentação necessária para a composição desse húmus que se fortifica e dá vida às plantas que neles são inseridas.

Meu tato com a terra emerge junto com o meu crescimento, desde as brincadeiras de casinha até as construções mais arrojadas. Sujar as mãos de terra é se benzer e fazer as pazes com o mundo. Lembro-me nitidamente de construir as minhas mini-panels para o interior de minha casinha com minhas irmãs. Varríamos o chão, coloríamos de verde, oriundo das fezes bovinas para que não desse poeira. Era o momento que tínhamos de cuidar da nossa casa.

A lida na roça sempre foi conduzida por minha mãe, que se benze todos os dias no tatear a terra. Íamos cedo antes do nascer do sol para fazer a limpa, a capina, tirar o mato que não era necessário, para que os grãos captassem todos os nutrientes daquela terra preta. Com o sol no meio do céu, fazíamos outra coisa e o mato cortado morria estirado na terra, servindo de adubo para aqueles grãos.

Coloco a existência em estado de verbialidade com a lavra, saber os momentos certos de fazer a limpa, a poda, o chegar à terra, aceitar a morte como processo de vida. Nada é tão distante do cotidiano, só vem a ser, porque não nos voltamos intencionalmente para ele. Nesses momentos em que a existência se move em direção ambígua da lavra, nos colocamos em situação de escuta e espera do que pode vir a acontecer. Ouvindo e esperando para agir e dar o próximo passo.

Sendo assim, ao lavrar minha existência para colocar em superfície a sexualidade, quero começar por um marco, a boneca que emerge da terra. A terra faz (fez) brotar uns comportamentos desviantes desde muito cedo. O fato é que não podia brincar de bonecas, mas às vezes pegava escondidas algumas, poucas das que minhas irmãs tinham para poder brincar. Adorava fazer penteados, mexer com os cabelos e como não podia ser visto com nenhuma boneca na mão, tive que usar outras maneiras de brincar. Era da terra que vinha uma das possibilidades de exercitar a minha liberdade de um menino-homem-hétero-gay indeciso e confuso.

Em roça plantamos milho, seja para dar aos animais ou para comermos. Quando a plantação está na fase de soltar as espigas, emergem as bonecas, justamente onde as espigas vão se formando. Antes das espigas formarem os milhos, elas liberam os fios, que são responsáveis por levar oxigênio para o interior da espiga e fazer com que ela dê bons grãos.

Esses fios me fascinavam pois floresciam em várias cores, formatos e tamanhos – rosa, roxo, pretos, amarelos – e por horas eu ficava sozinho a brincar na roça com as bonecas de milho, sem meus pais saberem, pois isso não era coisa que menino-homem-hétero faria. A melhor parte era quando as espigas começavam a secar os fios, pois pegava-os secos e fazia muitos penteados e cortes, em um processo que durava até plantação acabar.

Tais exercícios foram aos poucos ficando sem sentido e então já não me sentia como menino-homem-hétero, não sabia o que era. As brincadeiras cada vez mais diminuía, eu sentia o peso de uma definição a caminho. Ela estava já na estrada, espreitando-me, esperando o momento certo de me abocanhar. Vi-me destinado a aceitar e fazer uso do meu destino.

Estava jogado – literalmente solto sobre a terra – esticado sobre campos de áreas nuas amareladas que ao bater dos ventos me cobria. Era um misto de uma existência indefinida, um fantasma que não correspondia às expectativas do pai. Até

então o estranho que nunca teve namorada, não gostava de festas e era excluído pelo irmão. Tudo isso soa como sintomático de uma rede de articulação preocupada em perpetuar uma cultura solidificada e cristalizada.

A voz desse menino-homem-hétero-confuso tinha como seu principal desafio compor sua masculinidade. Sabemos que a composição de uma masculinidade na nossa sociedade – em sua maioria binária – se torna marcante no dia-a-dia. Os famosos trejeitos de crianças, a leveza e a inocência são arrancados à força, por um estereótipo de masculinidade para se adequar o estilo de existência heterossexual.

Guacira Lopes Louro (2018) argumenta que nosso corpo carrega marcas e faz uma questão crucial para pensarmos sobre essas marcalidades corpóreas que nos são introduzidas. “Onde elas se inscrevem? Na pele, nos pêlos, nas formas, nos traços, nos gestos?” (LOURO, 2018, p. 69) A marcalidade de um corpo se insere justamente dessas relações que são passadas cotidianamente, ou seja, minha voz tinha como papel fundamental demarcar a minha masculinidade.

Linda Nicholson salienta que essas marcas são fundamentais para compor a distinção entre a masculinidade e feminilidade do ser e, que de certa maneira, as características “passaram a ser a sua causa, aquilo que dá origem” (NICHOLSON, 2000, p. 18). Por isso, o corpo em relação, ou seja, a corporeidade se inscreve nas relações de poder tornando “causa e justificativa das diferenças” (LOURO, 2018, p. 71).

No entanto, não quero aqui ler a corporeidade como causa, apontada por Louro (2018), e sim, como “fenômeno que indica minhas possibilidades no mundo” (SARTRE, 2007, p. 387). E que enredadas pelas tramas a existência em jogo, essa relação se manifesta diante desse espraiamento das relações de poder (FOUCAULT, 1979).³

³ Sabendo da distância epistemológica que existe entre o posicionamento de Michel Foucault e Jean-Paul Sartre, os coloco em proximidade nesse parágrafo justamente para tencionar as duas

Minha voz fina, adocicada e levemente delicada foi o suficiente para fazer-me falar menos, se expor menos, e a simples frase “engrossa essa voz” era mais doída que um “cala a boca”. Talvez, se eu ouvisse um “calar a boca” eu não teria me calado, mas foi o inverso, me calei, não por falar demais e sim por simplesmente falar em uma tonalidade que não condizia com o que o menino-homem-hetero deveria falar. Calar e sujeitar-me foi a minha escolha. Escolhi ser conivente com o que condizia o estilo de vida heterossexual de compor minha masculinidade, pois até então acreditava que era o melhor a se fazer.

Isso me deixou vulnerável na adolescência. O menino-adolescente-hétero não sabia como se portar frente às garotas, tinha poucos colegas e o irmão mais velho não o notava. Desde os anos iniciais da escola - numa escola da roça da comunidade em que morava - **a padronização e os estilos de citacionalidade já estavam sendo vividos carnalmente por mim, em uma biopolítica encarnada que agia sutilmente e quase invisível aos olhos estranhos.**

Em escola: o estranhamento da diferença

Fui estranhado pelos meus colegas por andar com meninas e ter amigas mulheres e esse simples ato de coleguismos com as mulheres era o gatilho para outras possibilidades de colocar a minha sexualidade em questão. Vemos ainda nos anos iniciais da escola o quão é enraizado o desejo de ter uma sexualidade única e já traçada.

Nesse compasso da adolescência, o estranhamento e a diferença foram movimentos fundamentais para a constituição de quem sou-em-situação. Cada fato que fugia de uma normalidade binária do sexo, era de um alarde tremendo. A escola

epistemologias no intuito de um possível embate. Não está em minhas preocupações fazer com que Foucault e Sartre sejam lidos da mesma maneira, cada um se manifesta em sua particularidade, sendo assim, cada um possui um peso e uma medida. Do mesmo modo quando problematizo Butler e Beauvoir, ambas configuram cenários distintos de aspersão do conhecimento, o que está em jogo é como essa relação pode ser arrolada pelo fio da existência.

se dividia em grupos – sendo professor vejo ainda como esse manual perpetua – e claro que eu por muitas vezes não entrava no grupo dos meninos, pois, não tinha as qualidades que precisava ter. Como por exemplo jogar futebol, interessava-me muito mais por vôlei, peteca, queimada, mas isso, tinha um peso, o peso de que todos os garotos deveriam jogar futebol, raras exceções formávamos um time de vôlei masculino.

Ao compor essa hermenêutica do estranhamento, podemos dizer que o estranho desafia o racional, ou seja, aquilo que foge da padronização estilizada binariamente, pois ao ser estranhado pelos meus colegas devido aos meus trejeitos, minha fala e meu andar, ficou nítida outra maneira de se situar no mundo que não fosse a da norma padronizada, no caso a heterossexualidade.

Nesse contexto, Richard Miskolci (2017, p. 12) argumenta que existe “laços profundos entre educação e normalização social” contribuindo assim, para uma imposição de como o homem deve ser e de como a mulher deve agir. Por isso, ele alega que, “refletir para questionar e propor algo distinto, não normalizador ou compulsório, um educar fincado não em modelos e conteúdos que o precedem, mas antes na experiência mesma do aprender” (MISKOLCI, 2017, p. 12).

Logo, nesse embate escolar, não podemos perder de vista a hermenêutica do estranho como possibilidade de inserção no mundo e de aprendizado pelas suas experiências. Assim, pois, na minha vivência escolar, não preciso mencionar que foi um vespeiro e tanto a adolescência desse menino estranho e sozinho. As amizades com as mulheres continuavam sendo meus primeiros contatos e com elas se podia ao menos conversar, não sobre muita coisa, mas ao menos vislumbrava alguém para sentar ao lado na sala e fazer os trabalhos em duplas.

Nessa minha escola, no início dos anos 2000, o trato com os alunos, matematicamente calculados no processo do regramento. “Na escola tudo parece tão

natural, dois banheiros, duas filas, azul e rosa. E aí está a dinâmica do poder em produzir sujeitos “normatizados” e “normalizados” (PEREIRA, 2019, p. 110).

Forjando masculinidades e feminilidades por meio desses dispositivos de controle, a meta era alcançar “um homem controlado, capaz de evitar “explosões” ou manifestações impulsivas e arrebatadas” (LOURO, 2019, p. 27). Podemos ler esse “explosivo” como as manifestações de feminilidade entre os homens. Por assim dizer, “o homem ‘de verdade’, neste caso, deveria ser ponderado, provavelmente contido na expressão de seus sentimentos” (LOURO, 2019, p. 27).

Aos meninos, nada de afetação, nada de expor seus sentimentos, pois iriam acarretar uma série de fatores em que a escola não queria mexer, como o caso de falar sobre sexualidade com adolescentes. Nesse processo, acabei incorporando algumas dessas representações, me tornando um homem-adolescente-hétero calado, para não expor minha voz leve e fina. O pouco que falava, engrossava a voz, não “dava tinta” e, mesmo assim, era o “viado” da turma.

Essa coisa de ser “viado” ou “bichinha”, não entrava em minha cabeça. A mente de um adolescente da roça, dos anos de 2001 e 2002, em que a televisão demorou um pouco a chegar e quando chegou, não mudou muita coisa, pois o acesso me era restrito. Desenhos e filmes não faziam parte da minha realidade vivida e o fato é que não sabia o que era “viado”, o porquê de estarem me chamando dessas coisas, pois para o momento, eu só sabia que existia homem e mulher, nada me era novo dessa forma.

Aos poucos fui sabendo o que significavam esses apelidos e meu primeiro passo ao saber o que seriam esses adjetivos substantivados com os quais a mim eram referidos foi de imediato a negação – os primeiros atos de negação da carnalidade em sua máxima. Neguei esses adjetivos e passei a conviver com eles atormentando meu sono ou as minhas horas antes de dormir. Não queria pensar nessa possibilidade de eu não ser um menino-hétero. Como isso era possível?

Passar por esse processo de negação tem como principal acontecimento o refletir sobre sua existência, na sua aparição no mundo. Downey; Friedman (1995) argumentam que os sentimentos negativos sobre o próprio *self* compõem a negação, no que tange a vergonha de ser gay, lésbica, ou ainda experienciar a homossexualidade. Cabral; Nick (2003, p. 205) também salientam que a negação da homossexualidade pode vir como um “mecanismo de defesa em que aos fatos ou implicações lógicas da realidade externa é negado reconhecimento, em favor de fantasias internas de concretização de meros desejos”.

O percurso de negação de minha homossexualidade se alongou por anos e grande parte dessa negação foi consequência de um não querer de fato assumir aqueles rótulos adjetivados que me foram colocados a partir da minha subjetividade. Ainda hoje, ao escrever essas linhas, me sinto amargurado e emotivo por me lembrar desse menino-adolescente-hetero-gay-confuso e situar que, assim como eu, diversos meninos passam por isso. Ainda mais para o menino-homem-da-roça que só foi descobrir o que era gay aos seus quatorze anos.

Descobrir no sentido mais amplo da palavra, um des(en)cobrir, ou seja, sabia que existia algo por detrás da coberta, mas em meios aos percalços, ele voltou a se cobrir dos 14 aos 22 anos, que foi o período do ocultamento. Debalde esse tempo, mas necessário. Ou seja, foram quatorze anos existindo sem saber de onde e por que vinham todas aquelas cobranças. E, mais oito anos de negação da homossexualidade, por medo e insegurança.

Um dos principais fatores pelo qual quis encobrir minha homossexualidade, foi o medo. Medo como uma captação de mim mesmo em relação com o mundo, medo de como essa modificação afetaria meu projeto. A partir disso, desenvolvi maneiras de como lidar com essas questões, me envelopando.

As cápsulas adquirem a possibilidade de velar algo que pode ser um antídoto, algo frágil, algo estupefato, conservando algo que prescreve um sentido e

um significado. Dessa forma a minha cápsula resguardou a minha homossexualidade por muito tempo, asfixiando o meu ser e reprimindo o que eu me projetava tentar ser. Vivi submerso e inundado em pleno éter, que me conservava à maneira de como fui criado. Eu me transfigurava em um simulacro do que os outros me impunham. Eu aceitava!

Como jovem-homem-gay, “eu sabia que a sexualidade era assunto privado, alguma coisa da qual deveria falar apenas com alguém muito íntimo e, preferencialmente, de forma reservada” (LOURO, 2019, p. 9). Transcrevo a fala de Louro e a deslizo para minha situacionalidade, ela enquanto jovem mulher, assimilava que não havia ninguém por perto para falar de sexualidade. Assim, dessa forma, continuei sem poder falar de minha sexualidade.

Nas lentes foucaultianas (2019), a sexualidade é vista como um dispositivo, uma manifestação da invenção humana e social, para fazer devidos regramentos e segmentos. A sexualidade sendo vista por múltiplos discursos, desde os que regulam, normatizam, que liberam e que produzem. Eu estava imerso nessa rede entre o não saber e seguir pelas pistas dos discursos existentes. O que me enviscava, mesmo que momentaneamente, era a possibilidade de exercer a sexualidade como um fenômeno situado e não como um dispositivo que antes que viera sido regrado, liberado e produzido.

Nesse sentido, me constituo como um homem-da-roça, um homem-gay-da-roça, que se aventurou pelas fascinações do espaço urbano. A cidade tinha alguns dos mesmos aparelhos de contenção da sexualidade, onde as paredes dicotômicas binaristas entre os gêneros foram marcantes no existir.

Insistindo contra os devaneios do menino que fugia das certezas absolutas do pai, resolvi me ater aos formalismos habituais de uma família sem histórico de ruptura do contrato social entre casais de sexos opostos. O menino, nessa época era um jovem curioso, que não se conhecia, mal conhecia o mundo, mal conhecia seu

corpo, mal conhecia seu sexo, pois, teve seu mundo circundado a plantas e animais. O mesmo jovem-homem-hétero estava des(en)cobrendo as mazelas do sexo, descortinando os poderes do prazer e das angustias da existência.

Em cidade: a explosão da sexualidade-em-situação

Movido pela vontade de aceitação na sociedade, embebido pela heterossexualidade compulsória e motivado pelas estruturas, o jovem-homem-hétero passou a se relacionar com mulheres por um tempo, pois, era preciso mostrar para a sociedade que eu não era mais um “viado”. Foram relacionamentos que mantiveram a relação de eventualidade, foram cruciais para o amadurecimento da própria sexualidade.

No entanto, esse processo se tornou perturbador e doloroso para ambas as partes envolvidas. Circunscrito pela citacionalidade das características binárias do sexo e gênero, não pude fazer nada além de tentar copiar e colar fragmentos de uma existência que por hora não me respondia como minha. Desisti de encarar mais relacionamentos heterossexuais. Queria pensar naquele menino solto na roça, brincando com as bonecas de milho.

Refleti sobre o que faria naquela idade e, assim, me mantive quieto, sorrateiro. Por não me conhecer enquanto um heterossexual, por estar driblando com a existência, estive sempre às margens, mal me entendendo e em confusão com quem me circundava. Mais uma vez o jovem-homem-hétero estava jogado, sozinho, devastado, vivendo uma vida que parecia estar sem adubo, carecendo de força, inclusive para sair de cada buraco que adentrava.

Lavrando mais a minha existência, pude reconhecer só anos depois que o desejo que ocultava não conseguiria mais ser estancado e mesmo assim eu o encapsulava novamente. À noite, a cerveja e os becos escuros de Diamantina despertaram em mim a coragem que a sobriedade e a claridade do dia me

envelopavam. Meu encontro com o Outro, que de antemão era o meu desejado, mas até então me era cortinado, desabrochou em puro fogo. Era o desejo mais carnal possível e ascendida uma faísca. Senti que a vida fazia sentido a partir daquele momento e que tudo o que o menino-homem-hétero havia vivido não chegava aos pés daquela noite.

O brilho nos olhos, a textura macia da pele, o sorriso largo, a respiração ofegante e o nervosismo, foram os estopins para acender o que havia se escondido em mim. O encontro com minha sexualidade foi colocado à prova naquele momento. Foi naquela situação que entendi que passei todos esses anos ofuscando meus desejos e minha alegria. Aquela noite serviu como fricção dos meus sentidos. Era minha existência entrando em estágio de atrito, estava eu em um processo de incursão. Houve uma explosão de sentidos aflorados, explodindo ao mundo me encontrava, em soluços por um ato de paixão.

Estava meandrado pelas rotas de colisão onde tudo se chocava, não conseguia definir o que eu era ou muito menos o que tinha sido. O que me apresentava era um futuro e desse me alegrava a possibilidade de não ter uma definição. Ele me aparecia em aberto, multifacetado, me sentia frestado em condição. Com isso fui deslizando para outras paisagens que me pareciam ser mais abertas e fluídas.

Hoje, por ter vivido nessas teias de representações, arrasto-me ainda com alguns preconceitos, inundado e encharcado de subjetividades que aos poucos me assustam. O fato de sempre me dar por vencido e não procurar ajuda por acreditar que isso se passa sozinho – e que dessa forma eu iria me machucar, mas era um machucar preciso – me causou um distanciamento, vivendo uma existência em puro projeto. Ninguém questionava minha sexualidade e eu seguia sem dar satisfações, por acreditar justamente em uma igualdade de gênero, nenhum heterossexual precisa explicar que é heterossexual para a sociedade, assim eu fiz. Não preciso

necessariamente dizer que sou um homem gay. Por isso, penso que sou um projeto em situação que as próprias circunstâncias do mundo, ao me descortinar, vão me fazer pontuar minha situacionalidade.

A melancolia e a angústia fazem parte, compondo o humor da minha existência. Fui tornando-me oco, insípido, desgarrado de qualquer minuciosa pretensão em preencher o mundo. A espessura do mundo me era estreita, sobrevivi entre meios aos meus solilóquios, com um profundo elo ao exílio próprio, me afastando de mim mesmo - e dos outros como ato refletido - e tudo aquilo que poderia me acarretar um desfiamento da minha sexualidade. Essa melosa, amargurada e úmida narrativa expressa o meu exercício de esgaravatar a existência. Fundamenta uma existência que sempre esteve lançada no âmbito da incompletude de um projeto.

Sendo um projeto, segundo Sartre (2007) é importante ressaltar o quão é emocionante a existência em sua dura realidade. O sorriso, o amor, a reciprocidade e o encontro demonstram que não somos de antemão classificados pelos nossos desejos. Eles nos constituem, nos preenchem e nos transbordam de existências ingenuamente fracassadas.

Sempre falo que levar uma vida que rompe com os padrões pré-estabelecidos é por si só criar uma revolução. Porém, usar as mesmas táticas que os opressores usam, é cair na roda sem se quebrar. Nesses atos

O sentido da ambiguidade refrigera minha existência, arando e fincando possibilidades de sulcos, conservando minha opacidade, sejam em palavras duras, seja em atos que demonstram certa frieza ou imparcialidade. De certa maneira, ele desmorona a minha veste e propriamente desnuda quem eu projeto ser. **Assim como uma lavoura, me coloco na posição de possibilidade de aberturas para arejar minhas próprias convicções, deixar ser fissurado pelas contingências do externo, me arranhar pelos modos de existência possíveis, ser invadido pelos revolveres**

truculentos do próprio existir na terra. Então, me ludibrio por entre as luzes e barulhos, mas sentindo, ao mesmo tempo, saudade do silêncio e do piscar dos vagalumes.

Digamos que a minha geograficidade esteja tomada pelos deslocamentos que por ventura animei em fazer. Seria cômodo e conveniente me colocar em segundo plano por entre estas linhas e páginas que irão seguir a leitura. Seria, por exemplo, manejar um plantio sem revolver a terra. Poderia então isso dar bons frutos? De antemão, não sei responder, mas acredito que em uma lavoura a não permanência de aberturas de sulcos, fissuras, possibilidade de arejar a terra, seria no mínimo um empecilho para a fluidez do plantio.

É no desmoronamento da terra, que abre e que fecha, que tampa e que muda, que assim vou lavrando – sempre em gerúndio, pois, implica movimento, pausa, respiro, suspiro, implica ciclos – minha existência enquanto condição de homem-gay.

Por conseguinte, destaco que esses eventos ocorridos pela minha existência não podem ser considerados acidentes, ou desvio de um caminho pré-determinado, pois, em última instância, Sartre (2007) já salientou que no projeto de existência, não há acidentes ou muito menos desvios de caminhos. Os eventos sociais não são margeados por mim, mas sim vividos em plena consciência. Para isso, ele usa o exemplo da guerra: se sou mobilizado em uma guerra, esta é a minha guerra, é feita das ferramentas que tenho para ela.

A princípio poderia me livrar dela, seja pelo suicídio ou pela deserção, esses possíveis últimos são os que devem sempre estar presentes a nós quando se trata de considerar uma situação. Na falta de me abster dela, eu a escolhi. Trata-se de uma escolha. Diante disso, podemos aludir que o próprio modo de existir seja uma guerra constituinte das nossas atitudes. Uma guerra, pois, os conflitos inerentes a nossa condição de existencialidade irão nos encaminhar para as escolhas que faremos no decorrer da nossa estadia.

FLORESCENDO NO NOTURNO: FRESTANDO E ESTRANHANDO LUGARES

Onde se planta liberdade florescem perfumosas, as lembranças.

Gildo Scalco



O noturno pode vir a ser a fâsca da existência, aquilo que nos move em direção dos nossos desejos mais sombrios, camuflados diante da luz solar do diurno. Banhados pelo breu noturno nos abrimos ao mundo, como possibilidades de estranhar o Outro e a si mesmo, fazendo-se e desfazendo-se num movimento contínuo de encontro e desencontro.

Tony Hara em *“Saber noturno: uma antologia de vidas errantes”* sinaliza que a “escuridão é o território do difuso, dos contornos imprecisos, dos sentidos inquietos, dos instintos à flor da pele que intensificam a imaginação e a capacidade de invenção e de destruição” (HARA, 2017, p. 11).

Logo, o **noturno floresce como uma condição fundamental para as vivências homossexuais**, contribuindo para as deflagrações da sexualidade-em-situação. Embora, sabemos da existência de esconderijos por entre a claridade dos lugares. Por isso, a situação noturna, aqui em questão, **vibra a expansão do ser-em-situação**. A corporeidade em expansão aponta para o processo de estranhamento e ao mesmo tempo de amálgama com o mundo - nas lentes sartreanas, **viscosidade situada como movimento de expansão**.

No noturno ofuscado, nosso corpo entra em movimento expansivo, se deixa ser conduzido pela sedução da escuridão. O escuro já não me implica medo, me implica o desejo, me implica a vontade de estar em. Tendo como base a corporeidade, pois ela se manifesta como “mais do que uma espécie de apresentação ao mundo porque ela é um modo de ser que é, significativa, significativa e intencional” (BERNARDES, 2017, p. 47).

Por vezes, os seres-em-situação orientados sexualmente para o mesmo sexo, camuflam um pouco de sua autenticidade. Devido os comportamentos relacionados,

há uma sexualidade homoafetiva banida da sociedade hegemônica heterossexual (COSTA, 2011; COSTA; BERNARDES, 2013). Por isso o desejo do noturno, do escuro, da penumbra que camufla nossas inúmeras versões de um só.

Tendo essa base de ocultamento das relações homossexuais no contexto urbano, Costa (2002, 2008) repousou suas atenções para descortinar as relações homoafetivas no contexto urbano das microterritorialidades, contribuindo com a possibilidade de encontrar pessoas resistindo e fugindo da lógica hegemônica sexista. Colocando em situação os becos, as ruas, as margens, levando em consideração os trajetos, as rotas de colisão entre a identidade estigmatizada e a luta pelo reconhecimento da existência dos homossexuais.

Para Costa (2020a, p. 117) “existe sempre uma construção da identidade sobre quem somos pelas definições que os outros nos dão e são por estas conexões relacionais que se encaixam as representações sociais (identificações) construídas historicamente”. No entanto, essa caracterização da identidade muito se atrela àquilo que mencionei sobre a mirada de tentar trazer o Outro para o campo do Mesmo. Pensando nessa afirmação de Costa (2020a), a identidade, nesse caso, se assenta no movimento de ser, ou seja, no ser enquanto verbo, sendo volátil e passível de variações. Ao afirmar que a identidade homossexual é, estamos deslocando a verbialidade dessa manifestação e colocando-a em fissura com o cotidiano vivido.

Sendo então esse movimento, na tentativa de lavrar e esfolhear no que concerne minha relação com outras subjetividades homossexuais, eu e dois amigos ao fim da tarde de uma sexta hodierna qualquer, estávamos querendo ir uma festa. A ideia era beber e encontrar alguém para curtir a noite, afinal, o noturno é um quintal cheio de magia e mistério. Mas antes da magia, sempre vinha frio na espinha, a ansiedade e curiosidade submergindo. A questão mais emblemática era “irei vestido como?”, as minhas roupas ainda eram de quando beijava garotas e isso tinha um certo estereótipo, gay não usa camiseta polo, isso é demais! Interpelados pelos outros

nessa situação, passei a rever as minhas falas, rever minhas roupas, e fui pouco a pouco aprendendo a me instalar nesse meio, principalmente para me sentir aceito.

Perguntas como estas eram as mais frequentes que fazia: “Será que estou bem? Não estou muito hétero? Será que estou muito “poc”? Essa roupa se encarnará em mim? Será que vou com meu cabelo mais arrumado ou bagunçado? Que as outras pessoas vão dizer entre elas sobre mim?”

Dessa maneira, ainda vivia em um conflito interno sobre aquilo que os outros iriam falar de mim, tive a mesma sensação de quando eu fui interpelado na escola e me chamavam de “viadinho”. No entanto, nesse momento era o contrário: alguns amigos gays questionavam a minha homossexualidade, devido a não coerência com aquilo que se manifestava enquanto padrão ou uma normatividade gay. Nas palavras do Gavin Brown (2012), uma “homonormatividade”.

Passei então a repensar o sentido da sexualidade, coloca-la na fissura do que eu entendia como sexualidade. Butler (2019) sinalizando um gênero performático, ou seja, aviltado em uma sombra de modelos à espera para serem usados. Eram momentos de citacionalidade (BUTLER, 2019; 2018; SALIH, 2018), um diferencial a ser pensado como copiar e colar, caminhando para constituições das identidades homossexuais.

Essas interpelações que Butler (2018) e Salih (2019) engendram estão baseadas no que Althusser (1980) ponderou sobre o chamado ou o virar-se para o chamado como uma possibilidade de espelhar. Sendo assim, as interpelações ocorrem por meio deste chamado a voltar-se para o outro e assimila-lo como produção de identidade de gênero, perfazendo assim, a constituição de uma identidade homossexual.

Costa (2020a, p. 108) sublinha que esses processos de identidade de gêneros e de orientações sexuais são “significados nos momentos dos atos involuntários das

peças nos imediatos das relações sociais a serem vividas em diferentes momentos”. Ou seja, “passamos a significar aquilo que fazemos no ato instituído por outro no momento da ação involuntária” (COSTA, 2020a, p. 108).

No entanto, ao pensar nesses atos involuntários, fico me indagando o quanto realmente são involuntários, ou se é uma procura de trazer o Mesmo para o campo do Outro. Uma busca intermitente em enquadrar até os que não são enquadráveis, cristalizando as relações e fazendo da alteridade um fenômeno estático e não maleável.

Na ideia de uma constituição do Mesmo a partir do Outro. Sartre (2007, p. 290) afirma que o Outro é o “mediador indispensável entre mim e mim mesmo [...] reconheço que sou como o outro me vê”. Através dessa leitura inalienável do Outro sobre Mim, teço minhas relações pautadas no que as interpelações voluntárias se dão no momento. Sendo assim, o Outro como mediador, se encarrega de me notar e me dar significado de minha existência.

No movimento de estranhamento do beco, era possível deslindar as situações que o eu embriagado pelas naturalidades não me permitiam notar. O mistério e o estranhamento são dois fenômenos pontuais para desabrochar nas frestas. Aquilo que se esconde entre os dedos, as frestas apontam para outra possibilidade de situar-me.

Sendo assim, o mistério do noturno se mostra em três momentos parturientes do meu projeto em situação. O primeiro inicia pela curiosidade do desabrochar da sexualidade que se expande pelos becos diamantinenses. Por entre as capistranas e os sobrados desencadeiam uma existência repleta de possibilidades e de aventuras. Essa curiosidade se destaca a partir do desejo reprimido da sexualidade-em-situação. O outro momento se destaca nas boates do centro de Belo Horizonte-MG e o momento derradeiro se finca pelas luzes difusas das festas gays itinerantes de Limeira-SP, interior de São Paulo.

Regando a semente: em becos

Beco do pecado

Beco do pecado
 Peçaço de rua
 Rua estreita e nua
 Feita para o amor

Cúmplice nas noites
 De paixões secretas
 Encontros fortuitos
 Juventudes em flor

Templo dos amantes
 Rua tão escura
 Peçaços de vida
 Que o tempo rasgou

Distância e viagens
 Virgem reapareces
 Num curta-metragem
 Retratando a dor

Beco do pecado
 Pulmão da cidade
 Lá os teus pecados
 Respiram com amor.

Edna Barreto Lima (2004)

Meu encontro com o mundo gay⁴, efetivamente, teve início pelos becos da cidade mineira, Diamantina-MG. Logo ali, nos pulmões da cidade, onde a respiração ofegante saltava em existir. Aquele pedaço de rua coberto por pedras rugosas e escorregadias – às capistranas – presenciaram silenciosamente várias lamúrias, choros, risos e gritos, avistou beijos pelas gretas e sentiu o tatear dos pés em

⁴ Chamo atenção para o mundo gay, no sentido em que há uma diversidade e pluralidade de sentidos em que seria ingênuo caracterizar como apenas uma natureza. Sendo assim, o mundo gay está em processo de abertura para as situacionalidades do cotidiano.

movimentos embriagados. As paredes brancas em tons de cinzas eram palco da exacerbação de existência juvenil. Os becos percebiam tudo, de perto, de longe, sentiam cada piscadela, cada sorriso de canto de boca e, provavelmente, achavam um porre aquela paquera toda.

A conquista de um olhar como dois faróis em sua direção, consumindo aos poucos em desejo - sentimento ainda um pouco reprimido, caótico e confuso - mas que ardia em brasas. O olhar confunde o apaixonante, porém, revela o apaixonado. Essa dialética entre dois amantes se reverberava nos morros diamantinos. Por entre os becos, pude regar minha sexualidade-em-situação, areja-la, me tornar um homem que beija outros homens, ser-em-situação de apaixonante para apaixonado.

Becos escuros, ventos úmidos, pele aquecida pelos abraços e beijos ardentes. Assim como Costa (2002; 2008; 2012a; 2012b; 2017; 2020a; 2020b; 2020c), relata em seus trabalhos, a presença de pessoas orientadas sexualmente para o mesmo sexo preenche as marginalidades das cidades. Com seus bares e casas já sabidas pela comunidade, encontrava pelas bordas, beiradas e pelas margens daquela cidade interiorana mineira. Ficar às margens me garantia o sigilo que ainda precisava. Com o passar do tempo, o beijar escondido foi deixando de ser escondido e então, no beco, na luz da lua e das lâmpadas amareladas incandescentes, tornava um beijo gay aberto ao público. Uma plateia me via. Sentia-me interpelados por alguns olhares, no entanto, pouco me questionava.

Ao tornar a pegação pública, tive vários retornos. Alguns dizendo que tudo bem, ali no beco, escondido, mesmo que na frente dos outros (que faziam parte do meio gay ou simpatizavam com o lugar), mas que seria estranho em ver beijando um homem durante o dia no mercado central. Tais falas vinham como navalhas, sempre rememorando todas as abjeções que fui fazendo no dia-a-dia. Ou seja, a marginalização lugarizada dos seres-em-situação esgarça a sexualidade ao extremo, colocando-a em um nível de poder e não poder. Como salienta Butler (2018), o poder

nos forma e nos capacita, pois “o poder não é apenas aquilo a que nos opomos, mas também e de modo bem marcado, aquilo que dependemos para existir e que abrigamos e preservamos nos seres que somos” (BUTLER, 2018, p. 10).

O diurno, acompanhado pela claridade e o avanço racional, desempenha outro fator importante. Durante o dia, a condição hegemônica heterossexual deve permanecer. Porém, muitos seres-em-situação colocam sua sexualidade e o afeto em questão e não se importam com o que a luz do dia irá raiar sobre eles. Naquela época ainda me importava, tinha receio do que as pessoas iriam comentar de ter visto dois homens se beijando a luz do dia, dessa forma, por pouco tempo escolhi permanecer na penumbra dos desejos ocultos noturnos.

Sendo assim, **o noturno expressa a possibilidade para que a corporeidade desses seres-em-situação orientados sexualmente para o mesmo sexo possam se destacar e encarar a liberdade num sentido expansivo.** Desatando as amarras da claridade e das posições binárias do sexo, somos induzidos à curiosidade de adentrar o noturno, de cobiçar o que se esconde por entre os becos, as festas, levando em consideração que todas as relações com os lugares partem do “compartilhamento de experiências intersubjetivas entre seres humanos, compartilhada das coisas e fenômenos para os quais nos voltamos em comum” (HOLZER, 2013, p. 21).

Tinha um bar preferido, em um beco em questão. Na verdade, um dos poucos bares que permitiam a paquera entre gays. Cidade pequena, ou seja, quase todo mundo se conhece ou já viu falar do colega que está com você. O beco num piscar de olhos se transformava em um palco de diversidades. O bar em questão era o beco em si, **o beco em suas múltiplas funções exercia seu processo de fundamento.** O beco fundamentava a existência das pessoas que ali frequentavam. Os abraços, os gritos e as brigas entravam em um processo de simbiose com o beco, no compasso que não poderíamos mais discernir que era o bar, o que era beco ou que eram as pessoas, eram tudo o movimento, **era o acontecimento noturno em situação.**

Marandola Jr. (2017) nos encaminha para pensar o lugar como fundamento da existência e, assim, constituinte da própria forma-de-vida. Destinando assim que as “formas-de-vida se constituem **como** lugar e não **no** lugar, fortalecendo assim seu sentido intensivo de emergência e não de localização a *posteriori*” (MARANDOLA JR., 2017, p. 40. *Destaques no original*).

Desta maneira, visamos o lugar como um fenômeno que não se aparta da existência, ocultando então uma possível separação entre o ser e a situação. Ambos, lugar e situação correspondem à intrínseca relação do ser-em-situação. Compondo a partir das fenomenalidades da relação entre lugar e situação à possibilidade do exercício da liberdade como forma-de-vida. O fenômeno forma-de-vida em questão, muito tem a ver com os estudos de Agamben (2002), que destaca “uma vida que não se limita às suas formas, ou seja, aos rótulos impostos externamente” (BAPTISTA, 2018, p. 254).

Por assim dizer, “o lugar me aparece a partir das mudanças que projeto” (SARTRE, 2007, p. 608) e projeto sempre em situação, sempre em contingência que somos em liberdade. Há, então, uma ideia chave para pensarmos essa relação, a saber; **o comprometimento no mundo**. Ao passo que me situo, me comprometo a lugarizar de determinadas maneiras, atribuindo assim uma teia de sentidos que envolvem o lugar e a situação.

Estava ali comprometido com o beco em situação com as pessoas que me rodeavam, que davam a existencialidade por meio da conversa, do olhar cativante, do deboche faceiro, das críticas recebidas, ou seja, **era um movimento de situacionalidades em processo viscoso**.

Isso tudo decorre da permanência e emergência de ser-estar-em-situação enviscado nos lugares. No movimento de expansão que fazemos ao situar e lugarizar, esbarramos nas particularidades e fenomenalidades que o fenômeno lugar

pode nos apresentar. Estando em processo de abertura para com o lugar e metamorfoseando-se ontofenemologicamente em situação.

Essa minha preocupação com os lugares se assenta justamente à guisa de ponderações, pois, ao trazer diversas situações meandradas pelo lugar, abrem-se brechas para misturar tanto o lugar com situação e situação com o lugar, trabalhando em polos distintos. Edward Casey (2018) em *“Place and Situation”* relata que lugar e situação se mesclam no cotidiano e acabam por confundirem nas suas fenomenalidades.

De antemão, o filósofo argumenta no texto uma alusão de que seria fácil distinguir ou diferenciar o lugar da situação, haja vista que, o “place would be location, where something is to be found; “situation” is how things are disposed in place.” (CASEY, 2018, p. 19). Isso devido à tradição escolástica de assimilar o lugar como um contêiner ou, como Aristóteles havia definido, primeiro limite imutável daquele que o rodeia.

Nesse amalgama entre situação e lugar, o que transita entre é **ambiguidade, ou seja, esse arranjo fenomenal coaduna nas situacionalidades do lugar**, assim como nas lugaridades das situações, pois **a situação por sua vez implica o lugar, ela se dobra no lugar**. Sendo assim, para refletir sobre o lugar, uma possibilidade a fazermos é a de se abrir para as possíveis dobras das situações.

Cada dobra pode vir a manifestar uma situacionalidade do lugar, enviscado e explosivo no mundo. Por isso, a situação em relação ao lugar se torna co-existente pela vazão da ambiguidade. Para Casey (2018), estar situado significa, no mínimo, estar num lugar onde os eventos e as coisas podem vir a ser coerentemente relacionados uns com os outros.

Por isso que o que Casey (1996) assume que o lugar não é apenas coadunante, mas que também, é desconstrutivo, na ideia de permanecer juntas as

ambivalências. Sendo assim, há uma rede de construção e desconstrução que paira sobre o lugar que nos impossibilita de entendê-lo como um contêiner.

Marandola Jr. (2020, p. 10) salienta que “o fenômeno lugar, pensado a partir das lugaridades de uma geografia-mais-que-extensiva, não se constitui a partir de sujeitos e objetos, mas de emergências, as quais entrelaçam de maneira essencial espaços, lugares e entes em ato”. Ou seja, rascunhar a fenomenalidade do lugar num sentido de adverbialidade que circunscreve a circunstância por entre as situações. Também numa postura a partir de uma “topologia relacional que em sua presentificação acontecimental, não se delinea a partir de uma anterioridade histórica, mas de um acontecer” (MARANDOLA JR., 2020, p. 10).

Assim sendo, quando ia encontrar com o desejado, o beco tornava carnalidade, ele se entranhava e fazia parte daquele momento. O beco como possibilidade de ligação entre a materialidade e abstração. Ou seja, **o beco como a carne da situação vivida**. Por intermédio das situações, as experiências de lugar podem vir a ser acontecimentos que se renovam a todo instante, no próprio vai e vem do cotidiano. Estar ciente do ser-com e do ser-em para as investigações sobre as fenomenalidades que o lugar possa vir a expressar, é de antemão atrelar a alteridade para sua constituição.

Assim, o beco e suas lugaridades em relação comigo, inauguram o estranhamento como fundo base da convivência. Estranhar como que o beco chega até mim se faz num processo de encaminhamento para com a existência. **Estranhamento como possibilidade de praticar a fenomenalidade do lugar com o ser-em-situação**. Colocar-se em atitude de estranhamento de como aquele lugar mágico me recebe, me convoca e me chama.

Estranhamento como condição de lugarizar apareceu intimamente quando me abri para outras lugaridades. Em Belo Horizonte, as boates que frequentei não são em áreas marginalizadas. O público que frequenta esses lugares é metricamente

distinto dos quais frequentavam os becos. As boates em questão são erguidas no coração belorizontino, no centro da cidade. Ali, o consumo aguça o sentido das normatividades e conseqüentemente das liberdades.

Sulcando a existência: em boates

A cidade, lânguida e estirada sob o solo rochoso do quadrilátero ferrífero provocava uma inquietação ácida à minha frente. Ruas cobertas com uma tinta preta borrada ao chão por si só eram algo novo, estranho. Sentia arrepios na espinha por andar nessa cidade. Euforia! As ruas tomam formas líquidas de se deslizarem pelos morros mineiros, e a máxima estendida pelo cronista Rômulo Paes entra em carnalidade por entre os habitantes de Belo Horizonte, dizendo que “a minha vida é esta, é subir Bahia e descer Floresta”.

Não obstante, meu encontro com essa fascinante metrópole ocorreu em meados do ano de 2014, até então conhecida somente por nome e vagamente por fotografias. Todavia, naquele ano, se relembrarmos de minhas descrições anteriores, ainda me encontrava perdido nas minhas tomadas de decisões. O noturno era a possibilidade de deslindar as fenomenalidades nas boates de Belo Horizonte se manifesta mais recente, início do ano de 2016.

Não conhecia boates, muito menos casas de *shows*. Ainda estava apaixonado pelas aventuras noturnas vividas pelos becos e nas capistranas. Logo, tudo aquilo que meus amigos me mostravam empalideciam meu olhar. As boates com suas fachadas com luzes de *neon* apresentavam para mim como um corredor imerso no arco-íris. As músicas, as paredes - tudo se colocava em conflito, em atrito com aquilo que eu conhecia.

Adentrei nesse universo mágico e colorido. Surpreso, a estupefação expressava na face, pela descoberta de outro mundo. Ao passar por aquela parede de madeira fria, a presença de cores pulsantes no corredor – nada que assimilava àquela

fachada fria e gélida que nos aparentava a entrada – me deixava anestesiado pela possibilidade de me situar entre aquelas pessoas bem vestidas, homens estilo modelo. Era inegável não pensar nas condições financeiras de quem ali frequenta. Apesar de o consumo não ser fio narrativo nessas linhas, ele se manifesta como fenômeno que aguça as porosidades dessa boate. As quantidades de bebidas caras, das músicas ouvidas remetiam um universo do qual eu não havia sido habituado. Estar situado em uma boate cara de Belo Horizonte, me coloca frente a realidade concreta. Ver que eu não fazia parte daquele mundo, mas mesmo assim, estava lá, consumindo as músicas, as bebidas que conseguia pagar. Mesmo assim, adentrei aquela boate com a expressão de investigador.

Estava inundado de sensações, tentando me colocar em estágio de suspensão para que pudesse deixar meus pré-conceitos de lado e me abrir para o que a boate como palco fenomênico das situacionalidades gay tinha a me mostrar, pois é de “fundamental importância o próprio pesquisador se considerar como pesquisado e aquele que também narra sobre as suas experiências perante o encontro promovido” (COSTA, 2020b, p. 10).

Sendo a boate por aquela noite, foi possível perceber que as cores se tornam indispensáveis na pista de dança. No entanto, o escuro ainda se fazia presente entre os cantos das paredes, onde os beijos e a pegação eram mais vivenciadas. Na comunidade LGBTQIA+⁵, o gosto pelas cores é uma marca de resistência e de próprio amor às pluralidades existentes.

Na boate, as especificidades de cada ser-em-situação também se apresentam de forma plural, ou seja, as variedades no meio gay arrastam um universo mais amplo do que imaginamos. A busca por perfis em sentido semelhante ao seu vêm se

⁵ A sigla LGBTQIA+ remete as possibilidades de corporeidades em situação, como mecanismo político e identitário a partir das devidas subjetividades.

mostrando em um sentido agudo. Isso denota que podemos tensionar a escolha com as citacionalidades vividas por meio dessa boate.

A partir das citacionalidades, é possível deslindar as possibilidades de escolha de cada um dos presentes na boate, pela manifestação das performances. Sendo assim, o fenômeno da citacionalidade citado por Butler (2019) se dá nesses espaços de escolhas. Se eu por ventura tenho atração por semelhantes a mim, pode ter sido um processo histórico que me veio a construir esses momentos, porém, não podemos perder de vista a posicionalidade da escolha como fonte de condição da existencialidade.

Arrolar as citacionalidades na boate, me encaminha para pensar as naturalizações que derivam desses eventos. A saber, o consumo das músicas para o mundo gay. No momento atual, a crescente procura pelos artistas pops no Brasil, vêm ganhando o público LGBTQIA+. Podemos citar algumas só a título de curiosidade: Beyoncé, Rihanna, Katy Perry, Lady Gaga, Madona, Ariana Grande, Selena Gomes, Taylor Swift, Miley Cyrus, dentre outras várias figuras artistas. Parte dessa procura por uma cultura Pop não brasileira é devida a algumas ações e atitudes de cada artista que dialogam com as comunidades LGBTQIA+. Em alguns casos, essa busca se tornou um pré-requisito em algumas baladas gays, inclusive entre os próprios gays ocorrem esse tipo de leitura. O fato de não ouvir músicas pop, ou não brasileiras, implicaria em um grau abaixo do que se é permitido na cultura pop gay no Brasil.

Estamos todos dançando ao som de Ariana Grande e eu não sou um adepto a cultura pop e não ouço as músicas com certa frequência para saber a letra. Logo, vejo meus amigos me gongando⁶ por que não sabia a letra da música, como se realmente

⁶ Sentido de piada, rechaço por não saber o que está acontecendo. Ridicularizar uma determinada pessoa, fazer zombaria excessiva.

fosse um pré-requisito básico ou como se viesse na bula do ser gay “você deve ouvir a cultura pop não brasileira”.

Nesse dia, tocaram músicas pops internacionais quase o tempo todo. Em seguida iniciou um *set* de Funk, mas não deu liga e logo voltaram as primeiras. Acredito que muito vai do público para com o DJ, é sempre para um certo público e os DJs partem do pressuposto que a grande maioria está gostando. É isso que faz a casa encher e gerar rotatividade de consumo.

Costa (2020b) salienta que em uma de suas pesquisas foi narrado por jovens gays que um deles foi salvo ao ouvir Lady Gaga e outro após ter visto um clipe da Madonna e ter se percebido gay. Sinto que o fato de ouvir as divas realmente nos coloca em momentos de refletir nossa sociedade. Todavia, isso gera, ou pode gerar, como muito bem colocado por Brown (2012; 2016), uma homonormatividade que naturalizam os gostos e desejos de cada sujeito e que não há distanciamento entre ela e a heteronormatividade, ambas estão interligadas. Ou seja, a partir de pessoas que hegemonomizam ouvir Lady Gaga, não necessariamente ela será ouvida por outras pessoas e aclamada. Esse ponto não poderia se apresentar como um imperativo normativo da sexualidade e sim como possibilidade de diálogo.

A boate enquanto fenômeno que sulca nossa existência abre sendas naquele projeto que somos-em-situação, se manifesta nessas porosidades e alargamentos das nossas escolhas, nos colocando em situação de apego a determinadas circunstâncias e fazendo esse retorno aquilo que nos motiva e nos impele a ir nesses lugares.

As sendas abertas provocadas pelo estar na boate em situação, designa o que provoço nesse texto: antes de qualquer determinação que nos impere, somos capazes de escolher e nos situarmos perante as possibilidades de aberturas que nos são colocadas no cotidiano.

Trinca na terra: em festas

Vou vestido com uma blusa branca, calça preta apertada e minha echarpe colorida. Uma vestimenta que denunciava minha intenção de atenção dos ali festantes. Como essa seria minha primeira inserção nas festas itinerantes⁷ de Limeira-SP, queria no mínimo causar⁸. Conhecendo poucas pessoas, o desejo de ver gente nova é sempre maior e, e como já disse, nossas vestem se manifestam como um espelho daquilo que queremos projetar. Mesmo assim, me vestir do meu melhor jeito, que para os que me conhecem sabem, eu amo echarpes. Malgrado Limeira não deixa usar mais, por ser uma cidade situada numa área de depressão que emana calor para os quatros cantos.

É importante ressaltar que o meu interesse pelas festas gays é movido pela procura da liberdade existencial, pela possibilidade de exaltação da corporeidade ali manifestada. Poderia albergar outras situações para colocar em xeque o fenômeno da liberdade, porém acredito na potencialidade das festas como uma maneira de liberação de algumas amarras provindas da heteronormatividade.

A ida para uma festa pode ser lida de diversas maneiras. Tem noites que estamos mais animados, mais entusiasmados e noites que pedem menos euforia, menos orgasmos. Estes são interessantes pois podem vir a surpreender e se tornar uma grande noite. Faz-se necessário situar que a maioria das baladas gays que frequentei foram acompanhadas pelas estrelas, ou seja, o noturno sempre me acompanhando.

Uma das preliminares é saber qual será a data e qual o repertório de entretenimento que fará parte da balada. O desejo começa quando os amigos já

⁷ No interior de São Paulo mais precisamente entre as regiões de Campinas, Limeira, Araras, Piracicaba e Americana, aconteciam (até a pandemia do Covid-19) essas festas que são movimentadas como eventos e variam de cidade para cidade propiciando um lugar de opulência para os festantes.

⁸ Causar pode significar chegar com opulência, marcar presença, chamar a atenção das pessoas.

despeitadamente mandam uma foto do evento ou me convidam para o evento via *Facebook*. Nesse percurso, logo de cara vou ver as atrações, a quantidade de bebida, quais serão os tipos de bebidas oferecidas e qual é a cerveja que estará inclusa no *open*.

As festas itinerantes geralmente estão sitiadas às margens da cidade de Limeira-SP, diferentemente das casas noturnas de Belo Horizonte-MG. Esse fator remete justamente às questões que ladeiam a existência e permanência de lugares LGBTQIA+. Estar sitiado nas margens ou em galpões que não descrevem em sua fachada, a proposta de evento nos faz acreditar que ao **lugarizar o noturno como condição de abertura para as estruturas simbólicas que se encontram nas esferas sociais do cotidiano** estamos promovendo uma quebra no ciclo normativo urbano, ou seja, aquilo que “durante muito tempo, os bares e boates LBTT localizavam-se na periferia, distantes das zonas tradicionais de lazer noturno da cidade” (COSTA; BERNARDES, 2013, p. 43). Trazer esses lugares para a região mais central é saber dos riscos e das retaliações. Nesse sentido, os organizadores das festas optam-se por deixar a entrada frígida para não ter que dar satisfações do que ocorre em seu interior. Ou seja, não há uma constelações de luzes pela parte de fora.

Guardada ainda, minha tristeza da entrada por não ter luzes e cores, muito me chamou a atenção o interior e a opulência desse lugar, que logo de cara me fez rapidamente esquecer a entrada frígida e úmida. Os corpos em expansão dançavam freneticamente ao som dos DJs, entoados em ritmos de esbanjo e curtição. De início, ainda ressabiado com o que acontecia, esses movimentos envolventes chegaram em mim de maneira diferente dos movimentos que eu estava acostumado a viver lá nos becos.

Estranhei aquelas diversidades apinhadas no interior daquele galpão, cheias de esbanjo, vida e deboche. Um dos momentos de maior estranhamento e fascinação foi quando uma *Drag queen* subiu ao palco, abriu seu leque de arco-íris e começou

com seus bordões. Estranhei esse acontecimento pois, isso fugia da minha realidade nos becos de Diamantina-MG. Dessa forma, mais uma vez, o estranhamento nos encaminha para conhecer o novo, aquilo que emana da relação. Visceralmente estranhado pelos movimentos da *Drag*, acabei por curtir o seu som, embalado nos braços de um apaixonante da noite.

Embalado pelo estranhamento do que ocorria na festa, outro fenômeno se manifestava a mim. **As frestas, aquilo que ocorre no entre, rapidamente entre uma tensão e outra, emerge as frestas, as brechas, fissuras e rasuras - podemos chamar de trincas também.** Encaminhamos para os presentes acontecimentos frestivos que deslindam as possibilidades de tensão, as possibilidades de reverberações que fogem do esperado ou do que se espera de uma festa.

Costa (2020a) levanta questões que reverberam justamente uma tensão que paira sobre os problemas da constituição da identidade homossexual nos espaços interditos. Nessa constituição do caminho da identidade homossexual nos é esperado responder algumas características ou estereótipos que nos foram colocados.

Ao lugarizar o noturno como condição de ser-em-situação e de se abrir para as estruturas simbólicas que se encontram nas esferas sociais do cotidiano, estou sitiando e situando lugares, demarcando e preenchendo esses lugares de significação. Sendo assim, a fosforescência fenomênica do lugar a partir das formas-de-vida se pulverizam.

As relações entre as pessoas ali presentes eram muito marcantes pelos gritos, pelos silêncios, pelas pausas entre uma fala e a escuta. A discussão pelo ato de furar a fila, ouvir os bochichos de pegação, as notícias de traição, tudo acontecendo nesse momento antes da balada começar em si. Enquanto a fila andava, Márcio, Jorge e eu víamos as misturas de corporeidades livres, que fugiam de certas amarras do cotidiano. A liberdade de expressão corpórea naquele lugar era como uma chave para abertura de um portal, que ao passar pela portaria, a magia iria acontecer.

A ordem se manifesta como um dos passos principais em qualquer evento que necessite de público. Ordenamento em baladas é meio retórico, visto que muitos presentes estão ali para justamente obter uma fuga da própria ordem que de certo grau lhe é exercida, por exemplo a ordem da imposição das questões de gênero e sexualidade. É sempre uma aventura romper com o ordenamento, porém essa é uma questão muito singular, pois, ao ausentar a permanência de uma ordem, automaticamente um ordenamento de não ter ordem se instaura. Por isso, ao entrar numa balada, costumamos dizer, a única regra é não morrer de bebedeira. Mas claro, que o ordenamento se faz como princípio de uma organização para que nada possa fugir dos roteiros como planejado.

Logo na entrada fomos recebidos com pequenas doses de caipirinha, disseram que era para iniciar os trabalhos. Mais do que depressa assim fizemos. Era um corredor escuro, com a vista para o painel de entrada já iluminado e cheio de balões que demonstravam o caráter de temática infantil – muita gente colorida e fantasiada. Era um lugar grande com áreas verdes e uma parte fechada. Várias poltronas que, para caso de descanso é bem útil, no final da balada, que você deseja arduamente um lugar para descansar os pés esfolados pela dança, com as pernas bambas de tanto ficar em pé – no meu caso, a poltrona é essencial.

Nossa primeira atitude foi encontrar alguns amigos que estariam lá. Depois do encontro fomos pegar as bebidas - várias opções - eu acabei ficando na boa e velha cerveja, como de costume. A fila para pegar a bebida estava absurdamente enorme, não era exatamente uma fila, eram pessoas estendendo o braço para poder pegar sua bebida.

As atrações eram algumas *Drags* da própria região que com seus leques faziam a festa e discursavam questões de respeito, luta de classe, igualdade de gênero, dentre outras pautas que são paulatinamente demarcadas pelo movimento LGBTQIA+. As *Drag's*, algumas com seus vestidos curtos, maquiagem perfeita,

cabelos longos, faziam o tão famoso “bate cabelo”⁹ - enlouquecidas e enlouquecendo o público que, euforicamente, torcia pela *Drag* favorita. Depois da atração, os DJs acabam por dominar o evento, dando mais cores em formas sonoras para os festantes dançarem e curtirem bastante.

O vai-e-vem entre a pista de dança é quase impossível. Muita gente junta, dançando, se abraçando, se envolvendo umas com as outras como se fosse um movimento só. Mas apesar dessa suposta união, ficam nítidas as demarcações de territorialidades entre os grupos.

Os homens barbudos de batom, maquiagem e salto alto se destacam por estranhar as normatividades e as colocar em possibilidade de fissura. Os conflitos imanentes de identidade sempre vêm à tona, com o peso da escolha se tornando crucial na hora do flerte. Fica bem explícito o desejo e o desprezo pelo olhar. O olhar situa como uma maneira de liberação, aceite. Pelo olhar digo que quero, pelo olhar digo que não quero. Não necessariamente precisa chegar à pessoa cutucando-a ou pelo amigo, embora isso aconteça também.

Os ritmos dançantes vão desde cultura Pop a Forró – há ecleticidade musical. É muito difícil conseguir ficar sem ao menos balançar a cabeça. No caminho para busca de outro copo de cerveja, sento em uma das poltronas ali existentes e observo os movimentos. Os gestos, as faces, os sons, os cheiros, os brilhos, as tonalidades, o escuro, tudo propiciava a pegação. O lado mais afastado indicava que ali pode fumar, o que, de quebra aproveitei que eu estava só. Acendi um cigarro e observei de longe o que estava acontecendo. Começava o bate papo, as perguntas sempre ressaltavam o meu lugar de origem, a minha opinião sobre a festa. Dizia, já um pouco bêbado, que estava me sentindo uma criança fora do parquinho –

⁹ Bate cabelo é uma arte muito conhecida pelos artistas *Drags* que fazem as performances em palco. Vence geralmente a que mais bate o cabelo e a peruca não solta da cabeça.

infantilidade a minha. Mas, foi boa a troca com o moço, que por venturas nem cheguei a perguntar o nome. Coisas de balada.

Ainda afastado com o meu cigarro na mão, era possível perceber as relações pessoais, as discussões entre amigos ou casais: a alegria, o choro e, a raiva... Um mix de sensações vivido em apenas uma noite, parece que um mundo te atravessa, pois é muita coisa junta acontecendo. Trincados pelo noturno, pela possibilidade de dar vazão aquilo que exercemos, nossa existencialidade situada. Cada fala, conflito, atrito, riso se manifesta como uma posição política que somos. Ao estranhar esses comportamentos podemos nos colocar em festas, em estado de comprometimento com ela.

Em mutuanidade, ao ser trincado em festa, a fresta se encadeia como possibilidade de instaurar, de poder ver o transvisto, aquilo que no entre pode se manifestar. Cada ato, por mais que pareça banal, em uma festa, tem um sentido político territorializante que se dá justamente no encontro e no estranhamento das frestas.

O noturno expressa uma singularidade característica de si, pois, é com ele que as coisas acontecem, seja as festas, as frestas, são entoadas pelo balé do noturno, esse contorno que suaviza e esgarça nossa condição existencial. É com o noturno que estamos situados. É justamente nele, fugindo ainda das claridades e das verdades absolutas que quero permanecer. O noturno enquanto força que expande minha existencialidade corrobora para minha trama de relações que se dão na claridade do dia.

SEMEANDO LIBERDADES E NORMATIVIDADES: ATRAVESSAMENTOS PELA BIOPOLÍTICA ENCARNADA



<http://www.mapplethorpe.org/portfolios>

QUANDO ME CALO EXISTE UM MUNDO berrando em mim. Um mundo de sentimentos confusos que tem medo de aflorar, de sobreviver a flor da pele, envergonhados. Um mundo de incertezas que me dão cada vez mais a certeza que devemos arriscar. E arriscar, nesse caso, não é tudo a perder; é por tudo a ganhar. Aceito empatar.

Pedro Gabriel



Eu queria saber como é sentir-se livre.
 Eu queria poder quebrar todas as correntes
 que me prendem.
 Eu queria poder dizer todas as coisas que
 [deveria dizer,
 dizê-las alto e claro
 para o mundo inteiro escutar.

Eu queria poder partilhar todo o amor dentro
 [do meu coração.

Remover todas as grades que nos mantêm
 [Separados.

Eu queria que você pudesse saber o que
 [significa ser eu.

Então você veria e concordaria que todos
 [deveriam ser livres...

Eu queria poder ser como um pássaro
 [no céu.

Que bom seria se eu descobrisse que
 [posso voar.

Eu voaria até o sol e olharia para baixo
 [para o mar.

Então eu diria, porque saberia –
 Eu saberia como é sentir-se livre.

Eu saberia como é sentir-se livre.

Versão de Nina Simone de uma música de Billy Taylor.

Há quem já sonhou em ser livre, há quem assume que é livre, há quem reorienta sua liberdade que, em tons de exercício, se manifesta na pluralidade e diversidade de suas manifestações. Dessa maneira, me detenho de como o fenômeno da liberdade aparece na realidade cotidiana. Será que posso ser aquilo que sou?

Antes, eu sou quem? Eu sou alguém pré-determinado? Ser - verbo em acontecimento, em movimento. Caso Ser é movimento para fora, há possibilidade de sermos determinados por algo, algo que nos crie? Uma natureza? Há possibilidade em falarmos de uma natureza gay?

De antemão acredito que nenhuma natureza nos determina, pois sendo um movimento para fora, esse movimento atua na chave da possibilidade de abertura e não de fechamento. Ao propor uma natureza gay, estaríamos enquadrando todas as descrições que antecederam em um contêiner, para que fosse usado como matriz ou modelo, ou mais grave, que possa ser **usado como um contrato de uma natureza da identidade homossexual.**

Ao questionar essa identidade homossexual, esbarro novamente na questão do embriagamento do eu e na constante captura do Outro para o campo do Mesmo. No momento de cristalização da identidade enquanto fenômeno de identificação e regramento, estamos atuando na seara do idêntico, aquilo que promove a contraposição de pares. Dessa maneira, ao compor a identidade homossexual por vezes desviantes, de antemão estamos assumindo a centralidade de quem não comunga dessa vivência e nos autocolocando nas margens por assumir que existe uma binaridade imposta e que na procura de fuga dessa identidade heterossexual, criamos outra a partir daquela que é matriz.

Então, a identidade homossexual a meu ver muito se baseia na vivência e nas situacionalidades do cotidiano, sendo um movimento que permeia as cristalizações e por entre elas, pode se manifestar, e não como um outro lado que careça de impor uma posicionalidade de polos. Por isso, a liberdade e a normatividade são atravessadas pela biopolítica encarnada. Não queremos dizer que depois do ser-em-situação ser atravessado ele está impossibilitado de querer se definir ou se filiar em algum polo. No entanto, estamos abrindo para as possibilidades quem se envisa no

mundo e se lambuza tanto da liberdade quanto da normatividade, pois ambos são fenômenos que são vivenciados carnalmente.

O que vimos nas sessões anteriores remontam no que vou problematizar agora. Desde a trajetória do menino-hétero-confuso até o homem-gay-da-roça-nacidade articula com a situacionalidade da liberdade e das normatividade. A porosidade de cada ato desemboca em um emaranhado de sentidos. Essa confusão remete ao sentido comum que damos a liberdade. Como já escrito, meu objetivo não é colocar em polos antagônicos a liberdade e as normatividades, pois, ambas estão lado a lado, elas evidenciam o cotidiano, e atravessado por elas as situacionalidades emergem.

Por assim dizer, tensiono as fenomenalidades que aparecem frente a minha sexualidade-em-situação no que diz respeito a liberdade e as normatividades. Para mim, a biopolítica existencial encarnada permeia essas fenomenalidades dando uma tonalidade de encontro e possibilidade de escolha.

Liberdade enquanto fenômeno em viscosidade

Uma das perguntas mais ambiciosas e cobiçadas que me permito fazer durante minha existência repousa na inquietude pelo sentido da liberdade: **Que pode a liberdade?** Ousada e claramente irrespondível, pois na tentativa de desfolhar respostas ou subsídios para me satisfazer, acabo por esbarrar em outras perguntas que mobilizam o meu projeto de ser-em-situação. Sendo assim, ela pode na medida em que nós nos voltamos a ser liberdade. Sendo liberdade, os contornos da existência passam a ser mais viscerais.

As questões, respectivamente, fundamentam a busca e balizam nossas investigações, sem nos ater a meras respostas que obliquam nosso fazer. As indagações, nesse sentido, compõem o campo da abertura e das possibilidades para a investigação. Dessa feita, nossa cobiça se atrela fundamentalmente nas indagações e

nos problemas da sexualidade-em-situação. Dessa forma, mais precisamente, nos interessa descortinar como **as situacionalidades da liberdade e da normatividade se manifestam e são circunscritas em um sentido biopolítico encarnado existencial.**

No final da licenciatura em Geografia escrevi sobre os fenômenos do patrimônio e da liberdade em uma cidade histórica mineira – Diamantina. No decurso da pesquisa esbarrei com inúmeras possibilidades de leitura da liberdade, assim como o patrimônio, ou seja, aquilo que era liberdade para um, era o limite para o outro. Esbarramos na subjetividade. Sendo assim, será que a liberdade se mescla com a subjetividade? E por essa mescla, denotamos sentidos a ela? Para uns, a liberdade era a possibilidade da cidade se tornar um monumento histórico. Para outros, o patrimônio restringia a liberdade do ser na cidade tombada. As conversas com os cidadãos foram cruciais para destacarmos a importância do lugar na tessitura da liberdade numa cidade histórica. O lugar aparece justamente na tensão ambígua do ser-em-situação.

As relações de lugaridades vividas pelos cidadãos e por mim – habitante da cidade – exprimiam o sentido de relacionalidade em circunscrever os sentidos da liberdade a partir dos lugares vivenciados. Ou seja, **sendo liberdade, nos entrelaçamos pelos sensoramentos íntimos nos lugares, que por consequência, são subjetivados pela existencialidade situada.**

Dessa forma, a música como abertura deste capítulo, destaca justamente a possibilidade para compor os sentidos de liberdade sem nenhum tipo de predefinição ou algo já estagnado. Como apontou Sartre (2007) **somos liberdade em situação**, e que “não há diferença entre ser homem e ser livre: a liberdade, o ato de se separar do mundo e de si mesmo é a condição da própria realidade humana” (SOUZA, 2019b, p. 44). Por isso, a liberdade em comunhão com a existência nos encaminha para deflagrações de seus sentidos múltiplos.

Separar-se do mundo apontado por Souza (2019b) não significa alienar ou se esconder. É ainda mais paradoxal. É ser consciente de sua existência e mergulhar na sua condição situada de ser-em-situação. **Separar-se, paradoxalmente, é enviscar de sua própria existencialidade situada.** É dar conta da sua realidade concreta e sua liberdade, e que seus atos serão exercidos pela plena convicção de uma liberdade situada.

Examinar a liberdade num projeto ontofenomenológico é partir do princípio que a mesma não significa fazer o que quiser. Ela não possui essa finalidade, mesmo por que não se pode conceber a liberdade como uma característica constituinte do ser. Ela é de antemão uma condição inescapável.

Nas palavras de Sartre (2010, p. 33) “o homem está condenado a ser livre. Condenado por que não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer”. Sendo assim, somos liberdade em múltiplas ações. A liberdade sendo lida pelo prisma do Existencialismo sartreano não pode ser uma estrutura estabilizada com formas definidas e identificáveis, pois desse modo há uma impossibilidade de aplicabilidade. Trata-se na verdade de um movimento, de ações impetradas, de um projeto em curso movido pelo drama humano. Por isso, a liberdade não é um instrumento a ser controlado, pois a mesma é uma realização humana que deve ser sempre explicitada e disputada, nunca refreada (NORBERTO, 2019).

Sendo assim, “a liberdade nem é uma raridade a ser defendida nem um instrumento a ser controlado; antes, é uma realização humana cuja falta de parâmetros a investe de uma eficácia política, que deve ser explicitada e disputada, nunca refreada” (NORBERTO, 2019, p. 17).

No entanto, sendo liberdade, não podemos cair em uma ontologia ingênua da mesma. Ser liberdade está distante de uma definição criadora de uma natureza humana. Paradoxalmente, sendo liberdade abro-me justamente para a

indeterminação do projeto que somos. Por assim dizer, sendo liberdade não quer dizer que estamos estagnados a um projeto puro e definitivo, pelo contrário, “a liberdade é, em um só tempo, fundamento e exercício humano” (NORBERTO, 2019, p. 22).

No seio angustiante da inquietação com a liberdade esbarrei nos mistérios da sexualidade. Foi a partir dos mistérios envoltos da sexualidade que pude me relacionar com as normatividades e por ora estranhá-las, assim como estranhei a liberdade.

No entanto, sabemos que, de acordo com algumas convenções e pelos modelos de relações humanas, expor assim a carne viva de nossos desejos e nossa pura existência situada, nos coloca no campo da vergonha ou de medo de estranhar e de florescer. Cabe-nos perguntar, **como podemos ter vergonha de nossa existência? De nossos corpos, de nossas paixões e amores mundanos, de nossas situacionalidades?**

Estamos acostumados a reproduzir atos que, por ventura esquecemos de criar. Nos esquecemos da imaginação e do próprio direito de sonhar, em que possamos construir nossas existências sem vergonha de ser ou de aparecer perante os outros. Por isso, esquecemos de criar, de romper com esses modelos. O modo de viver está comprometido com uma ordem e ao aceitar essa ordem como vigência, Guattari e Rolnik (1993) sinalizam que não trocamos por medo de desorganizar a organização da ordem já existente para que vivamos de modo organizado.

O medo da desorganização nos encaminha para um conformismo das nossas ações e, por assim fazer, evitamos o nosso estado de angústia. Para angústia, a entendemos como a possibilidade de “permitir a quebra da cumplicidade com a vida” (NORBERTO, 2017, p. 52). Esse conformismo nos coloca em alguns lugares de conforto referente ao nosso cotidiano, até mesmo para garantia da sobrevivência.

Sartre (2007) designará esse acontecimento como uma antípoda da angústia e o apresentará como um espírito de seriedade. Imersos nesse espírito de seriedade, respondendo às exigências do nosso curso em realização, captamos os valores a partir do mundo e residimos na substancialização tranquilizadora e coisista dos valores.

Sendo assim, na seriedade, “defino-me a partir do objeto, deixando de lado a *priori*, como impossíveis, todas as empresas que não vou realizar captando como proveniente do mundo e constitutivo de minhas obrigações e meu ser o sentido que minha liberdade deu ao mundo” (SARTRE, 2007, p. 84). A angústia se manifesta como uma “captação reflexiva da liberdade por ela mesma” (SARTRE, 2007, p. 84).

Quando estou andando pelas ruas escaldantes de Limeira, aleatoriamente, às vezes tento me colocar na atitude de estranhar o mundo pela angústia, pois “capto-me ao mesmo tempo totalmente livre e não podendo evitar que o sentido do mundo provenha de mim” (SARTRE, 2007, p. 84). No entanto, tendo sempre a me corromper pelos mecanismos de organização colocados a minha frente. A sede pela organização e pelo não estranhamento nos coloca em atitude de incapacidade de descortinar as lentes do mundo.

Processo de estranhar o mundo como processo de reflexão do mesmo. Perguntamo-nos como podemos estranhar o mundo por um caminho que nos distancie do espírito de seriedade, nos colocando mais próximos do estado de angústia? Para Norberto (2017), é justamente nessa passagem entre a realidade de sobrevivência para uma apreensão reflexiva da vida que a relevância existencial.

Envergonhado pelas minhas atitudes corpóreas que fugiam das convencionais de um menino-hétero - como já sinalizamos anteriormente - me colocava frente um sentimento de “auto castigo que surge quando estamos convencidos de que existe algo em nós mesmos que é errado, inferior, falho, fraco ou sujo” (MORRISON, 1998, p. 103). Assim, a vergonha vem a ser “fundamentalmente

um sentimento de desprezo contra nós mesmos, uma visão negativa do nosso self filtrada através dos nossos próprios olhos” (NUNAN; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2010, p. 257).

Por isso, o estranhamento da normatividade ou do ordenamento nos é relevante no que tange ao entendimento das subjetividades em situação, ou seja, estranhar, ao mesmo tempo, quer dizer fazer a dobra da subjetividade e fazer com que possamos sentir mais os mistérios do noturno como uma possibilidade de expansão e imaginação.

A vergonha de se expandir e estranhar por vezes encapsulam o ser-em-situação, fazendo com que ele se coloque em momento de recuo, apartado daquilo que gostaria que tivesse. Porém, a vergonha não é um fenômeno que advém do Outro, somente é a relação entre o conhecimento de mim mesmo com as variantes externas. Quantas vezes me sentir envergonhado por meus jeitos, minha postura, minhas atitudes foram aos poucos sendo moldadas para que não me sentisse inferior.

Cada caso vivido por mim, denota um peso de escolha, escolher passar vergonha ou, escolher envelopar meus sentimentos para ser aceito. Passando por todos os pré-julgamentos possíveis. No entanto, é por meio do conhecimento íntimo de si que conseguimos colocar algumas barreiras nessas atitudes. O próprio exercício de se colocar em questão e o fortalecimento de sua decisão de escolha, rompe com a sujeição que era sofrida. Sendo assim, “a vergonha, portanto, realiza uma relação íntima de mim comigo mesmo; pela vergonha, descobri um aspecto de meu ser” (SARTRE, 2007, p. 289).

Nietzsche (2001, p. 186) traça uma pergunta precisa em “*A gaia ciência*”, no que tange a liberdade, a saber: “Qual o emblema da liberdade alcançada? – não mais envergonhar-se de si mesmo”. Essa ideia de não se envergonhar de si é uma mistura da própria contemporaneidade que coloca num emaranhado de aviltamento do ser-

em-situação, em que não ter vergonha de si é poder ser livre. É doído sentir na pele que estranhar as convenções e os modelos sejam processos tão complexos e difíceis.

Nesse compasso do estranhamento da vergonha ou do descobrimento de um aspecto de meu ser, como aponta Sartre (2007), a maneira que lidamos é se apegar à subjetividade, constituída por nossas relações desde os outros e o mundo. Sendo assim, quando percebo que a vergonha que tinha da minha voz fina se foi, ou seja, estava me organizando ou desorganizando. Algo acontecia.

Então, a liberdade é essa maneira viscosa de nos colocar em nos nossos limites, nas nossas linhas de trajetórias, nos nossos caminhos sombrios que por vezes queremos tomar outros, mas que ao fazer isso, estamos distanciando da nossa intimidade, num caminho desviante. O medo nos encurrala por situações das quais nem sempre estamos preparados para estar. Todavia, o que se espera de nós é que muitos escondam suas desorganizações e que parem de se envergonhar. Ser organizado nesse sentido é fazer parte de um campo casuísta, que tenta “conservar um imperativo geral como não mentir e distingui-lo de casos particulares, onde tal conduta pode ser excepcionalmente preferível” (SARTRE, 2005, p. 223).

Normatividade enquanto fenômeno em relação ao imperativo ético

Nutrimos desde sempre o desejo pelas normas, pelas regras, pelos momentos de sujeição. Estaria sendo hipócrita se dissesse que não comungo de algumas normatividades. Ademais, porque as normatividades da sexualidade mexeram mais comigo a ponto de me inquietar e romper com as variáveis das normatividades? O que tem de subjetivo nessas normatividades que mobilizam meu existir?

Caso estiver concordando que não somos seres determinados por algo que nos antecede, logo então, em nossa constituição de ser-em-situação somos lavrados pela realidade humana, uma realidade relacionante que, ao esbarrar nas estruturas, nas categorias, nas colocações da sociedade “ao contrário de determinar nossas ações,

dependem do sentido que lhe damos” (JALIL, 2018, p. 222). Ou seja, nossas relações com as estruturas não terão polos determinantes, pois toda relação se apresenta como movimento e significação que podemos dar.

Não opto por explicações causais e deterministas justamente pelo fato de estarmos voltados intencionalmente para os fenômenos que aquecem a existência. Sendo um projeto em situação, qualquer ação se distancia de uma causa para justificar sua aparição. É pelo engajamento que as escolhas fosforescem pois “a existência é movimento de (auto)constituição, e não solo firme em que se poderiam plantar alicerces morais” (SILVA, 2010, p. 21).

Voltemos ao texto do Jean-Paul Sartre (2010) do qual fora mencionado nas páginas iniciais, a saber: “*O Existencialismo é um Humanismo*”. O referido filósofo nesse texto em questão assume a característica de defesa do existencialismo do ataque de determinados grupos de intelectuais franceses, alegando que a realidade humana se manifesta como possibilidade de “colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência” (SARTRE, 2010, p. 26).

Desta feita, as normatividades como fenômenos em situação, não podem ser vistas como algo apartado, mas sim, como produto próprio da nossa relação com a responsabilidade e liberdade.

Sartre (2010) salienta que nenhuma regra pode vir a indicar o que devemos fazer, pois não existem sinais outorgados no mundo. Sendo assim, acredito que “não há valores, referências ou orientações nas quais possamos nos basear para agir e que legitimem nossas ações” (JALIL, 2018, p. 245). No entanto, “o homem não é um ser isolado, mas eminentemente um ser-em-situação produzindo a si mesmo (e o mundo) dentro de um contexto sócio histórico de sentidos e de significados sem que, no entanto, ele seja mecanicamente causa (resultado, passividade) dos condicionamentos” (MOURA, 2013, p. 43).

Castro (2008) elabora um texto sistemático, cujo pivô central de sua análise remete à duas conferências escritas por Sartre, uma em Roma (1964) e outra nos Estados Unidos, não apresentada presencialmente devido a sua renúncia após a intensificação do bombardeio americano ao norte do Vietnã (1965). Dessa maneira para Castro, (2008, p. 238) “a preocupação do filósofo nessas conferências remetia sobretudo experiência ética, normatividade e o paradoxo ético”.

Sartre (1970; 2005) mobiliza algumas questões inerentes à moral e à ética. Alicerçado por um fundo ontofenomenológico, ele esgarça esses fenômenos a partir da experiência vivida de cada um deles. Não obstante, Sartre (1983; 2002a; 2002b; 2004; 2007; 2010; 2014; 2015) argumenta que somos seres históricos e em projeção nessa temporalidade histórica em situação. O movimento de nossa existência situa a partir das experiências vividas histórico-temporalmente. Logo, ao elencar as questões sobre moral e ética, todas as experiências vividas a partir da subjetividade entram no bojo dessas discussões.

Sou interpelado por um colega que se indigna pela minha ausência de gostos musicais interpretados pelas divas do pop internacional. Ele chega até mim eufórico comemorando o novo *single* de uma dessas divas e eu, mais que rapidamente, já afirmo que não ouvi e não acompanho as músicas dessa cantora. Assustado e inconformado, ele reluta em argumentar que como eu era gay, eu tinha por determinação saber quem estava a frente das músicas que faziam sucesso no meio gay.

Essa interpelação nos abre caminho para refletir sobre **o campo da dimensão do dever como proposição de um imperativo ético normativo**. Ao assumir qualquer lugar-comum dentro dessas estruturas da sociedade, acabamos por vezes em cair ou passar pela “atividade passiva”. Que seria essa atividade passiva? Ela se manifesta como “um modo de agir por condicionamentos externos, por uma causalidade material, em outros termos o sujeito é agido” (CASTRO, 2008, p. 241). Podemos fazer

a alusão também à máxima do prático-inerte desvelada por Sartre (2004) na *Crítica da Razão Dialética*.

Imersos nessa atividade passiva, não nos damos conta do diferente e da implicabilidade que a liberdade denota nesse processo. Ao passo que eu deveria através de um imperativo ético normativo me ater às particularidades de uma música lançada como constituição da minha identidade homossexual. Algumas frases são emblemáticas, como por exemplo “vou tirar sua carteirinha de viado” “viado que é viado ouve Lady-Gaga”. Há por trás dessas falas, movidas pelo ímpeto da atividade passiva, uma cobrança alavancada pelo imperativo categórico do dever-ser.

Ao assumir uma cadeira nesses lugares-comuns, deslizam naturalmente o julgamento do dever-ser. Todavia, acabamos por esquecer que “os imperativos desvelam-se em situação, restando, no entanto, absolutamente categóricos no momento de sua aparição” (SARTRE, 2005, p. 274). Sendo assim, não sendo possível escapar da situação, o que nos aparece é a possibilidade de debruçar sobre ela.

A norma atua como repetição, ou como um tornar-se em repetição (SARTRE, 1970). A partir dessa repetição, aludimos o encontro com a teoria da performatividade de gênero de Butler (2019). Como já vimos, há nesse enredo uma possível citacionalidade do performar em que seguimos algumas estruturas e cristalizamos como fundamento de uma identidade. Porém, sendo um livre projeto de consciência em situação que somos, essas normas, sejam em movimento de repetição, imperativos, como a experiência normativa, se fundamentam e gestam pela situação e não pela sua determinação.

Desse modo, a lógica do dever-ser filiado em um imperativo categórico nada mais é que uma resposta inerente ao lugar-comum de cada um. Assim sendo, a **liberdade atua como possibilidade de abertura para circunscrever a normatividade como um fenômeno da própria situacionalidade.**

Quando Gavin Brown analisa as questões que rondam a homonormatividade ele está partindo de uma situacionalidade em questão: a do mundo cosmopolita europeu, que por meio do consumo, algumas pessoas LGBTQIA+ elaboram políticas neoliberais normativas entre si. Ou seja, há um contexto que desenrola essa homonormatividade (BROWN, 2013).

Destaco que no plano de reconhecimento dessa homonormatividade, um caminho a se fazer é o de não cristalizá-la como hegemônica e universal, pois, “reconhecendo que a existência da homonormatividade seja importante. Agora nós precisamos de teorizar de outra maneira” (BROWN, 2012, p. 1071).

Nessa proposta feita por Brown cabe a nós tensionarmos e expormos os esconderijos das mazelas disciplinares por trás do imperativo ético. Se somos responsáveis pelos nossos atos e ações, também somos responsáveis por inventar e criar os valores referentes à(s) normatividades. Mesmo que sejamos atravessados por um mundo que já constituído por algumas normas, valores, imperativos éticos, isso não interfere na nossa relação situacional com a liberdade.

Por isso que ao arrolar minha situação de homem-gay-da-roça-na-cidade faz-se pertinente, por desviar de algumas das homonormatividades que estão naturalizadas nas cidades. Ao mirar meu projeto de existência, percebo que alguns de meus encantos com a terra não se encaixa no atual cenário urbano gay brasileiro. No entanto, isso, por consequência não deve ser lido como uma normatividade ou uma homonormatividade. Esse fenômeno plural enriquece e abre para diversas possibilidades e caminhos de homens-gays-da-roça como eu descortinarem os véus da homonormatividade.

Inegavelmente, estamos situados em uma homonormatividade urbana e globalizada, a roça, ainda, não é palco para os gays. Não é meu intuito que seja hegemonicamente, e sim, horizontalmente respeitados. Embora, eles estão e vivem

de acordo com as disporias temporais de cada situação. O que problematizo aqui em questão, é a maneira de como somos – nós da roça – lidos na cidade.

No tocante às estruturas, cabem cada um de nós nos atermos e sermos responsáveis pela escolha que sendo liberdade tomamos, levado em consideração de que nenhum fator estruturante ou imperativo ético seja determinante de nossa projeção, e sim como possibilidade de engajamento com o mundo.

Por assim dizer, digamos que escolhemos nos normatizar. A homonormatividade não é um fenômeno distante e solto no ar, ele é viscoso e relacionável, desde que não nos apegamos a ele como algo que determine nossa jornada. Assim sendo, “somos nós que escolhemos as imposições como valores impositivos que deverão nortear as nossas decisões e ações e, ao fazê-lo, escolhemos nosso mundo e a nós mesmos. Sem a nossa escolha, em si mesmas, as imposições sociais e culturais não possuem peso ou valor normativo algum” (JALIL, 2018, p. 252).

Por uma biopolítica encarnada existencial permeada pelas formas-de-vida

Hoje em dia, muito se questiona a posicionalidade da biopolítica no cotidiano, há um possível entendimento da mesma como um controle, como um dispositivo que nos cerceia e nos limita. Foucault (2019), em “*A vontade de saber*” deflagra a mobilização do controle sobre a vida. O filósofo questiona a mudança de hábito do poder soberano junto à sociedade, enfatizando que na contemporaneidade, o poder nos coloca na situação de controle da vida, e não do controle da morte. Antes, o poder soberano – no caso os reis – detinham o poder de controle sobre quem iria ser morto, no entanto, “a velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 2019, p. 150).

Gestar a vida, nesse caso, está intimamente relacionado com o poder. Porém esse poder não é um poder punitivo e coercivo como anuncia Foucault (1999) no livro *“Em defesa da sociedade”*. Em sua Aula de 17 de março de 1976, o autor afirma que o poder é algo produtivo, um exercício de fazer viver e deixar morrer. Tal afirmação se distancia daquela do século XVIII, que o poder soberano detinha o poder da espada, ou seja, o direito de matar. Nas palavras do filósofo “dizer que o soberano tem direito de vida e de morte significa, no fundo, que ele pode fazer morrer e deixar viver” (FOUCAULT, 1999, p. 286).

Essa inversão estilística de poder anuncia o próprio salto quantitativo que nós demos. Ao encarar a própria existência, se distanciando e se aproximando de algumas normas vigentes ancoradas pela lógica binária do sexo, desenvolvemos um risco para o Estado, risco de tomada de poder. Porém, ninguém possui o poder enquanto uma instância própria e nesse caso, a biopolítica encarnada se manifesta como possibilidade de encarar os riscos da própria existência. E já sabemos que encarar a existência é dar-se conta de seus atos.

Por isso, todo lugar requer uma posicionalidade de saber-poder, inclusive de si e do outro. A respeitabilidade mútua é a força movente de seus atos. Sartre (1976), ao escrever *“A Idade da Razão”*, um dos volumes do *“Caminhos da Liberdade”* argumenta que Mathieu, consistia em viver uma liberdade despregada do mundo, na qual suscitava uma falsa ilusão da liberdade, por justamente não se enviscar ao mundo. Dessa forma, para o filósofo “a liberdade se identifica com a realidade humana, com ser homem; ela é o desgarramento” (SOUZA, 2019b, p. 45).

Ter o controle da própria existência é, então, se atentar para as normatividades e liberdades que são desencadeadas pela própria biopolítica encarnada existencial. **Aquela que se envisca diretamente com o ser-em-situação, não vê o controle como uma peça que desgoverna o ser, e sim, como engate para a relação intrínseca com**

mundo, ou seja, a biopolítica não fecha em si mesma, ela compõe a abertura para o mundo em relacionalidade.

Há, hoje, a existência de dedos quando o assunto se remete ao campo das sexualidades e gêneros. Faz-se necessária certa sensibilidade no tocante às relações sobre a vida, pois, cada forma-de-vida que se inscreve no mundo, se inscreve a partir de uma possibilidade. Nesse compasso em que a vida entra em simbiose com a política, a biopolítica se meandra em contornos de rios subterrâneos de maneira contínua e fluída (AGAMBEN, 2002) que passa a vigorar a partir dos direitos, valores, morais, entre outros campos de inserção da mesma.

Para Agamben (2015) penetrados por esses rios biopolíticos, a vida se separa em duas faces. Uma que caracteriza como vida-nua, aquela vida que se encontra fora de seu bando, ou seja, uma vida abandonada e que a “‘politização’ da vida nua é a tarefa metafísica por excelência na qual se decide sobre a humanidade do ser vivo homem, e ao assumir esta tarefa a modernidade não faz outra coisa senão declarar sua própria fidelidade à estrutura essencial da tradição metafísica” (AGAMBEN, 2002, p. 17). A outra se manifesta como formas-de-vida, que agem como possibilidade do exercício de viver em potência.

Acredito que o desejo de Agamben (2015) seja o de transcender a ideia de biopolítica para o presente, e assim sendo, a elaboração das formas-de-vida enquanto uma vida que não pode haver dissociação de sua forma, mas que justifica que em nosso viver, nossos atos e comportamentos nunca poderá ser tratado como fatos, e sim, em processo de possibilidade de vida e potência. Ademais, “nenhum comportamento e nenhuma forma de vida humana jamais são prescritos por uma vocação biológica específica, nem alocados por uma necessidade qualquer, mas, ainda que habituais, repetidos e socialmente obrigatórios, sempre conservam o caráter de uma possibilidade, ou, dito de outra forma, eles sempre põem em jogo o próprio viver” (AGAMBEN, 2015, 14).

A forma-de-vida como vida política de Agamben (2015) me encaminha para problematizar e colocar em questão a biopolítica que nos é vivida no dia-a-dia. Se somos seres-políticos-em-situação, partimos dessa simbiose em que a existência (bio-vida) e a política são indissociáveis, ou seja, há uma sincronia nessa relação. Essa sincronia é alcançada quando estamos em viscosidade com o mundo, quando nós estamos encarnados existencialmente com o mundo. Sendo assim, a maneira de como lemos a **biopolítica encarnada existencial, é também, uma forma-de-vida pois, pensamos na existência como possibilidade.**

Dessa forma, lavramos a sexualidade-em-situação numa espiral decorrente dessa simbiose entre a existência (bio-vida) e a política, que se encarnam no cotidiano, que se dobram entre o material e imaterial. Duarte (2008) assume que Foucault descobriu a partir da gênese do indivíduo que ele é “plenamente governável e manipulável por meio das leis econômicas de mercado associadas às determinações científicas da biogenética” (DUARTE, 2008, p.8).

No entanto, ter o controle da existência por uma condição da biopolítica encarnada existencial, é justamente a partir das formas-de-vida não deixar de ser governado pelas determinações externas, e sim, poder viver o ápice de sua felicidade em possibilidade de expansão. Como vimos, se manter em expansão, é colocar a corporeidade em situação, é se politizar e ser politizante em ato.

**NO CAIR DO ORVALHO: POR UMA SEXUALIDADE-EM-SITUAÇÃO EM
DESVIOS**



<http://www.mapplethorpe.org/portfolios>

Oh cruz do sul, oh trevo de fósforo fragrante,
com quatro beijos hoje penetrou tua formosura
e atravessou a sombra e o meu chapéu:
a lua ia redonda pelo frio.

Pablo Neruda



A fenomenologia como postura e “possibilidade para um pensamento e uma ciência centrados na experiência”, (MARANDOLA JR., 2021, p.36) me apresenta caminhos possíveis. Todavia, esses trajetos não se manifestam enquanto completude totalizante, e sim em perspectivas. As miradas que a fenomenologia me coloca, arrebatam o solo duro e infértil e encaminha para possíveis rebentos, outros modos de expandir a corporeidade.

O encontro com a abordagem da ontofenomenologia me direciona para repensar a relação da mirada com o Outro. Albergar o Outro não como uma categoria para a constituição do Mesmo, e sim, como possibilidade de mediação a partir do movimento lavrativo da existência.

Destaco no início desta dissertação, um poema do Manoel de Barros que defende a nossa comunhão com as coisas. Passado esse tempo de leitura e escrita, recorro novamente a ele, salientando que essa visão comungante ficou ainda mais viscosa. As descrições supracitadas se manifestam como possibilidade de desvios para os entre-laços da comunhão da sexualidade-em-situação.

Os desvios que considero agora, nada mais são que o encontro com as trajetórias que vivi, e a viscosidade que nela se apresentam, frente ao movimento de deslocamento, movência e mobilidade do ser-em-situação. Os desvios, assim como o queer, convocam a escolha dos caminhos a serem feitos. Sendo assim, os desvios podem vir a ser as orientações para o queer. Pois, sendo liberdade e responsável pelos seus atos, todos os caminhos que se por ventura pegarmos, seremos nós mesmos em situação.

Mas esses desvios não podem ser lidos como fugas, ou descaminhos, e sim como processo de contingência e responsabilidade do ser-em-situação. Cada ato

remete a uma situacionalidade, e como consequência uma responsabilidade. Entre meio a existência, os lugares em extensividade atuam como fio narrativo da existência.

Entendendo o lugar também como trajetória, ou seja, uma travessia que vai e vem, pois falar e descrever as lugaridades em si, se manifestam como trajetórias de ida e vinda, podemos reposicionar o que cada lugar tem de mostrar e reconhecer os outros modos de ser homossexual não como estereótipo ou como marginalizações, desvios, e sim como seres-em-situação em presença, em retorno, em espiral, em sua fenomenalidade orgânica e visceral sem pré-definição forjada pelas repetições.

Acredito que a identidade homossexual possa vir a ser lavrada pelas vias da verbalidade, pois, sendo verbo, indica movimento e não pausa e cerceamento. A identidade enquanto movimento rasura as marcas deixadas pelas instituições normalizadoras, por isso, quando falamos que a identidade homossexual é isso ou aquilo no mínimo, pensamos em escapar de definições, e enviscar na possibilidade verbal da própria identidade, aquilo que muda, que gira, que roda, que muda de cor, que não se caracteriza e que sim, pulveriza.

Temos hoje um inchaço no que se remete à sexualidade, ou seja, transbordam de significações a partir de representações. No entanto, minha proposta almeja a possibilidade de desnaturalizar as noções prontas sobre a sexualidade, e colocá-la justamente em situação, como relata Merleau-Ponty (2018). Não queremos aqui diluir a sexualidade na existência, mas antes mirá-la na fenda da contingência. Ao passo que estando em situação, somos seres históricos, nos engajamos na sexualidade-em-situação, pois, “tudo aquilo que somos, nós somos sobre a base de uma situação” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 236).

Por isso, ao puxar a sexualidade como possibilidade em campo das contingências, parto da sexualidade enquanto modo que se expressa por entre os lugares, que se articula e se manifesta em estado relacionante com o ser. Fundindo

no ser-sexuado, posso dizer que, em base, todos somos seres-sexuados, porém a sexualidade não nos freará de sermos sexualidade. Dessa forma, Sartre (2007) aponta que a sexualidade só desaparece com a morte, mas o ser-sexuado pode lhe fazer a escolha de viver cada qual seu modo de manifestação.

Estar em desvios, **pode ser a possibilidade de viver a sexualidade em plena contingência, ela sendo o que é**. Não posso naturalizá-la e banalizá-la como um rótulo. Viver em sexualidade é, visceralmente, se abrir para as possibilidades de liberdades, normatividades, da expansão da corporeidade em lugares, estranhando e lavrando a existência, ou seja, a ponte é que o ser-sexuado existe sexualmente para o Outro, e Outro como possibilidade de mediação, me manifesta em situação como um ser-sexuado por contingência.

Escolher os caminhos de acordo com a sua facticidade não deveriam conter tantos pesos e preconceitos. Cada qual remete uma escolha por um feixe de variações que lhe apresentam como caminhos. Fechar os caminhos dos Outros seguindo a lógica de seus caminhos, apresenta como uma hipocrisia e o desejo da captação do Outro para o campo do mesmo. **A possibilidade para sair desse embriagamento do eu, desse desejo de racionalização suprema, se manifesta nas escolhas dos caminhos que se dão por entre os desvios.**

Seguir uma orientação que seja factível com seus desejos e vontades, mas, também deixando aberta que a possibilidade do regresso não seja banal e sim vivida como expressão de existência em situação, Ahmed (2014) aponta para que o conforto é feito pelo encontro entre mais de um corpo, e que é a dor ou o desconforto que nos devolve a atenção para a superfície. Sendo assim, o desconforto do retorno e a escolha de outro caminho não entra na chave do cancelamento, e sim, na possibilidade de encontro consigo mesmo.

Sara Ahmed (2014, p. 69), em seu livro *“Queer Phenomenology”* salienta que a “transformação da orientação sexual em ‘uma espécie’ envolve a tradução de

'direção' em identidades". Ou seja, "se a orientação sexual é compreendida como algo que se 'tem', de tal modo se 'é' o que se 'tem', então o que se 'é' é definido em termos do desejo como uma atração que se puxa para os outros" (AHMED, 2006, p.69).

Sendo assim, a **orientação sexual deve vir direto da verbialidade do ser, indicando, justamente, o movimento que somos-em-situação**. Se estivermos pensando nas chaves dos desejos como definitivos da constituição de identidades estaremos recaindo no inchaço da sexualidade, colocando nela muito mais rótulos do que o necessário para estar situada.

A orientação parte dos desvios no momento do cotidiano, das nossas corporeidades em situação viscosa em mundo. Assim como a identidade, não somos estáticos, somos-em-situação, movimentos, e orientados por uma escolha que baliza e convoca a responsabilidade de meus atos e minhas ações. A sexualidade como abertura, como possível desfraldamento das raízes que nos colocam em situação de atolamento, e embriagamento do eu. Assim sendo, digo que sendo um projeto inacabado, pensar a sexualidade-em-situação seria uma das possibilidades de não trazer as definições como algo determinante, e sim constituinte de uma existencialidade que emerge justamente das situações em que cada um se situa. Os desvios como possibilidades de encarar cada temporalidade de acordo com a situacionalidade de cada existente. Deixar **em aberto, para fora, movimentado, remexido, assim como às sementes que de diferentes maneiras emergem da terra, cada uma em seu tempo, no seu modo**.



REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder e a vida nua**. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. **Meio sem fim: notas sobre a política**. Tradução Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- AHMED, Sara. **Queer phenomenology: orientations, objects, others**. Durham: Duke University Press, 2006.
- AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença, 1980.
- BAPTISTA, Mauro Rocha. Paródia e messianismo no conceito de forma-de-vida em giorgio agamben. **Sapere Aude**, v.9. n.18. 2018.
- BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas: terceira infância**. São Paulo: Editora Planeta, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução: Sérgio Milliet. 5ª ed. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução: Sérgio Milliet. 5ª ed. V. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.
- BERNARDES, Antonio H. O Dasein que somos no pesquisar em Geografia, **Geograficidade**. v.6, n.2, Inverno 2017.
- BROWN, Gavin. Pensando Além da Homonormatividade: Explorações Performativas de Economias Gays Diversificadas. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.4, n.1 2013.
- BROWN, Gavin. Homonormativity: A Metropolitan Concept that Denigrates “Ordinary” Gay Lives. **Journal of Homosexuality**, 2012.
- BROWN, Gavin. **Rethinking the origins of homonormativity: the diverse economies of rural gay life in England and Wales in the 1970s and 1980s** *Transactions of the Institute of British Geographers* October, 2015.

BROWN, Gavin. O casamento e o quarto de hóspedes: explorando a política sexual de austeridade na Grã-Bretanha. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Batista, ORGs. **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2016.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Trad. Rogério Betoni. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 17ª ed. Editora: civilização brasileira. Rio de Janeiro, 2019.

CABRAL, A., NICK, E. (2003). **Dicionário técnico de psicologia**. São Paulo: Cultrix.

CASEY, Edward S. How to Get from Space to Place in a Fairly Short Stretch of Time: Phenomenological Prolegomena. In: FELD, Steven; BASSO, Keith. **Senses of Place**. Santa Fe, N.M.: School of American Research Press; Distributed by the University of Washington Press, 1996.

CASEY, Edward S. Place and Situation, In: SCHLITTE Annika; HÜNEFELDT, Thomas (eds.) **Situatedness and Place: Multidisciplinary Perspectives on the Spatio-Temporal Contingency of Human Life**. Springer Verlag. 2018.

CASTRO, Fabio Caprio Leite de. Experiência ética, normatividade e paradoxo ético segundo Jean-Paul Sartre – As conferências de Cornell e de Roma. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, Ano 8, Nº2, 2008.

COSTA, Benhur Pinós da. A condição homossexual e a emergência de territorializações. **Dissertação de mestrado em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia**, UFRGS. Porto Alegre, 2002.

COSTA, Benhur Pinós da. Por uma geografia do cotidiano: território, cultura e homoerotismo na cidade. **Tese de doutoramento em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia**, UFRGS. Porto Alegre, 2008.

COSTA, Benhur Pinós da. Espaço Urbano, Cotidiano, Cultura e Espaços de Proximidade: o caso das Microterritorializações de Sujeitos Orientados Sexualmente para o Mesmo Sexo. In: ORGs. **Território, Sexo e Prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira**. RIBEIRO, M. A.; OLIVEIRA, R. S. Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

COSTA, Benhur Pinós da. Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de

Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 3, 2012a.

COSTA, Benhur Pinós da. As microterritorialidades nas cidades: reflexões sobre as convivências homoafetivas e/ou homoeróticas. **Terr@ Plural** (UEPG. Impresso), v. 6, 2012b.

COSTA, Benhur Pinós da; BERNARDES, Antonio. Microterritorializações homoafetivas na cidade de Presidente Prudente-SP: O lazer noturno e as relações de interface. **Cidades**, v. 10, n. 17, 2013.

COSTA, Benhur Pinós da. Microterritorializações e microterritorialidades urbanas. **TERR@ PLURAL** (UEPG. ONLINE), v. 11, p. 10, 2017.

COSTA, Benhur Pinós da. As geografias das constituições dos devires expressivos das pessoas como diferenças: perspectivas da análise nas pesquisas em microterritorialidades. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 48, 2020a.

COSTA, Benhur Pinós da. “Lady gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes. **Geograficidade**. v.10, n. 2, Inverno 2020b.

COSTA, Benhur Pinós da . Perspectivas relacionais em geografias culturais e em estudos sobre as microterritorialidades das homossexualidades. **Geograficidade**, v. 10, 2020c.

DE PAULA, Fernanda Cristina. Resiliência encarnada do lugar: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França) / **Tese** apresentada Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, 2017.

DOWNEY, J. I.; FRIEDMAN, R. C. Internalized homophobia in lesbian relationships. **Journal of the American Academy of Psychoanalysis**. 1995.

DUARTE, A. M.. Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI. **Cinética**, v. 1, 2008.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da Sociedade. Tradução: Maria Hermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

GONÇALVES, Rafael Ramos, GARCIA, Fernanda Alt Fróes, DANTAS, Jurema de Barros, EWALD, Ariane P. Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, UERJ, RJ, n.2, 2008.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis-RJ, Vozes, 1993.

HARA, Tony. **Saber noturno**: uma antologia de vidas errantes. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2017.

HEIDEGGER, Martin. Meu caminho para a fenomenologia. In: **Conferências e escritos filosóficos**. Trad.: Ernildo Stein. São Paulo. Abril Cultural, 1979.

HOLZER, Werther. Sobre Territórios e Lugaridades. **Cidades**, v. 10, n. 17, 2013.

JALIL, Cristina Moreira. Considerações sobre normatividade e escolha de sentido em Sartre. **Revista ideação**, edição especial 2018.

LIMA, Edna Maria Barreto. **Nó na garganta** - Poemas- Fortaleza, 2004.

LIMA, Jamille da Silva. O sentido geográfico da identidade: metafenomenologia da alteridade Payayá / **Tese** apresentada Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, 2019.

LIMA, Jamille da Silva. Metafenomenologia da alteridade: por uma significação ética da pesquisa geográfica. **Geograficidade**. v.10, n. Especial, Outono 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora Argos, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora Argos, 2019.

MARANDOLA JR. Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Blucher, 2014.

MARANDOLA JR., Eduardo. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem. **Revista Pensando**, UFPI, 2017.

MARANDOLA JR. Eduardo. Fenomenologia como abertura para a interdisciplinaridade. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** Belém, 2020.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MARION, Jean-Luc. O interpelado. Tradução por José Reinaldo Felipe Martins Filho. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia – Brasil, v.2, n.2, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MISKOLCI, Richard Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, 2003.

MORRISON, Andrew P. **The culture of shame**. London: Jason Aronson, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

NORBERTO, Marcelo da Silva. **O drama da ambiguidade**: a questão da moral em O ser e o nada. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

NORBERTO, Marcelo da Silva. Liberdade e política em Sartre: em torno dos escritos sobre escultura. In: NORBERTO, Marcelo da Silva; CASTRO, Fabio Caprio Leite de. **Sartre e Política**. Rio de Janeiro: Via Verita: ED. PUC-Rio, 2019.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Tradução: Luiz Felipe Guimarães Soares. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n.2, 2000.

NUNAN, Adriana; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 14, n. 2, 2010.

PEREIRA Marlyson Junio Alvarenga. Viadinho, bicha louca”: travestis e o esquecimento do outro. **Aurora**, Marília, v.12, 2019.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (editores). **Adrienne Rich's Poetry and Prose**. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

ROBAINA, Igor Martins Medeiros. O trabalho de campo como um lugar em processo: experiências de uma pesquisa geográfica com a população em situação de rua numa grande metrópole. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 22, n. 1, 2018.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. 1 Ed, Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **O muro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1966.

SARTRE, Jean-Paul. Reflexões sobre a questão judaica. In: **Reflexões sobre racismo**. Trad. J. Guinsburg. 5ª ed. Difusão Europeia do Livro. São Paulo-SP. 1968.

SARTRE, Jean-Paul. **Diário de uma Guerra Estranha**: Novembro de 1939- Março de 1940. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

SARTRE, Jean-Paul. **A Idade da Razão**. Trad.: Sérgio Milliet. Círculo do livro S.A. DIFEL, Difusão Editorial, São Paulo, 1976.

SARTRE, Jean Paul. **Crítica da Razão Dialética**. Trad, Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro, DP&A Editora. 2002a.

SARTRE, Jean-Paul. **Saint Genet**: ator e mártir. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002b.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é Literatura**. Tradução: Carlos Felipe Moisés. Abril Cultural, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **Sartre no Brasil**: a conferência de Araraquara. Trad. Roberto Salinas Fortes. 2ª ed. Bilíngue. São Paulo: Editora UNESP, 2005a.

SARTRE, Jean-Paul. Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. Trad. Ricardo Leon Lopes. **VEREDAS FAVIP**, Caruaru, Vol. 2, n. 01, 2005b.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. – Petrópolis, RJ: Vozes. 15 ed. 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean Paul. **A transcendência do ego**: esboço de uma descrição fenomenológica. Tradução de João Batista Kreush. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean-Paul, **O que é a subjetividade?** Tradução de Estela dos Santos Abreu. 1. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS; L&PM, 2019.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Ética e literatura em Sartre**: ensaios introdutórios. São Paulo: Edunesp, 2004.

SILVA, Franklin Leopoldo. Literatura, ética e política em Sartre. **Teresa**. São Paulo, v. 10/11, 2010.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Sartre e o Humanismo**. São Paulo, Almedina. Discurso Editorial, 2019.

SOUZA, Thana. Mara. DE. Sartre e o fracasso do desejo: da ontologia à descrição do desejo frente aos objetos reais e irreais. **Princípios**: Revista de Filosofia (UFRN), v. 19, n. 31, 2015.

SOUZA, Thana Mara de. Um feminismo sartriano? Possibilidades e limites de uma teoria de gênero a partir da ontologia fenomenológica. In: NORBERTO, S. Marcelo, CASTRO, Fabio C. L. **Sartre e a política**. Rio de Janeiro: Via Verita. Ed, PUC-Rio, 2019a.

SOUZA, Thana Mara de. A liberdade em Sartre. São Paulo. Edições 70. **Discurso Editorial**, 2019b.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.